



**LOCUS PARTNER RH**

**NADIA PAULA ROPELATO**

**O COMPARTILHAMENTO DO PSICODRAMATISTA NO PSICODRAMA  
BIPESSOAL: SIMETRIA E HUMANIDADE**

**FLORIANÓPOLIS-SC**

**2022**

NADIA PAULA ROPELATO

O COMPARTILHAMENTO DO PSICODRAMATISTA NO PSICODRAMA BIPESSOAL:  
SIMETRIA E HUMANIDADE

Monografia de conclusão de curso apresentada  
à Locus Partner RH como requisito final para  
obtenção do título de Psicodramatista – Foco  
Psicoterápico – Nível I.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria da Penha Nery

Florianópolis-SC

2022

Nadia Paula Ropelato

O Compartilhamento do Psicodramatista no Psicodrama Bipessoal: simetria e humanidade

O presente trabalho em nível de especialização foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta dos seguintes membros:

---

Psic. Devanir Merengué

Convidado

---

Psic. Kátia Trevisan

Convidada

Certificamos que esta é a *versão original e final* do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de especialista em Psicodramatista – Foco Psicoterápico – Nível I, obtido pelo Programa *Lato Sensu* de Psicodrama Clínico da Locus Partner RH.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_/

---

Psic. Márcia Bernardes, Dra.

Coordenadora

---

Psic. Maria da Penha Nery, Dra.

Orientadora

Florianópolis-SC

2022

## AGRADECIMENTOS

O gesto de agradecer para mim representa o reconhecimento de que não se vive sozinho, de que há um outro, de que estamos em relação. E esta pesquisa está repleta de inúmeros outros que contribuíram não apenas para sua concretização como também para quem eu sou e cujos nomes gostaria de referenciar.

Aos meus pais, por saberem acolher, incentivar e respeitar minha escolha profissional, que era tão distinta de tudo o que eles conheciam.

Ao meu irmão, Bruno, com quem posso desempenhar o *cluster* três sem rivalidade e competição e ter uma relação de apoio mútuo e de respeito às nossas diferenças.

Ao meu marido, Júnior, por seu apoio, incentivo e plena confiança de que tudo daria certo.

À minha psicoterapeuta e supervisora de longa data, Márcia Marques, para mim simplesmente MM, por ser firme sem perder a doçura e por, em meio a vários “Bah, Guria!”, nunca ter deixado que eu desistisse desta monografia.

À amiga Elenira Vinotti, que é minha madrinha na Psicologia, e à amiga Rosane Voltolini, que é minha madrinha no Psicodrama.

À parceira Katia Trevisan, com quem divido a idealização e realização de um lindo grupo com psicoterapeutas, por se emocionar comigo com a retomada da escrita desta monografia e sua conclusão.

Às psicoterapeutas Aline Pierri, Ana Clara Rocha, Vanessa Soares da Silva, Isabela Silvério Araújo e Jule Mendes Minelli, por confirmarem a força daquilo que eu acredito que nossa profissão possa ser: um espaço de respeito, cuidado e incentivo entre “psis”; um espaço sadio de *cluster* três.

Às “amigas psis” que fiz nesta cidade, na qual resido há mais de uma década, Ariany Maçaneiro, Jule Minelli, Luciana Marcon e Carolina Gama, por todos os cafés, os abraços, os choros e as risadas.

Aos psicodramatistas que conheci ao longo da minha jornada no Psicodrama e que me ajudaram a realizar este estudo: Rosa Cukier, Devanir Merengué, Luiz Contro e Maria da Penha Nery. Esta última se tornou minha orientadora e uma feliz e coerente escolha, afinal alguém que trabalha com os vínculos e com as lógicas afetivas de conduta tinha de estar aqui.

À Locus Partner, instituição que me possibilitou o acesso ao conhecimento psicodramático.

Aos meus pacientes antigos e atuais, com os quais cresci e me desenvolvi emocionalmente para ser quem sou hoje, por serem fonte de inspiração.

À pessoa que é foco deste estudo, por ter me permitido acompanhar sua caminhada de descoberta e autoconhecimento, da qual recortei uma pequena parte que revela a grandiosidade que tem sido estar ao seu lado, e por confiar em mim.

Essa é minha forma de reconhecer as pessoas especiais que guardo no raso do coração, porque guardá-las em seu fundo seria mantê-las distantes demais de mim.

O psicodrama é, em toda a sua dimensão e extensão, antes de tudo, um estado permanente de compartilhamento, porque em sua própria concepção incorporou indelevelmente esta característica existencial do ser-em-relação, tanto como meio, quanto como finalidade. (Perazzo, 1999, p. 126)

## RESUMO

Este estudo analisa a etapa de compartilhamento da sessão de Psicodrama no âmbito específico da modalidade individual bipessoal, quando há apenas o psicodramatista e seu paciente e ambos podem exercer a “função” de plateia sem que haja sobrecarga do paciente na sessão, uma vez que este já tenha dramatizado e ainda deseje expor um pouco de como estaria se sentindo. Como objetivo, propõe analisar quais são os efeitos do compartilhamento do psicodramatista para o paciente. Apresenta, com esse intuito, uma pesquisa qualitativa de estudo de caso cujas fontes são artigos depositados em bancos de dados científicos, entrevistas sobre o tema com psicodramatistas reconhecidos no cenário nacional e um caso de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal. Tais recursos metodológicos identificaram a necessidade de haver um cuidado por parte do psicodramatista ao fazer o compartilhamento com o paciente, considerando o momento, a dinâmica e o processo do paciente, para que os papéis não sejam misturados e o efeito seja psicoterapêutico. A partir desse resultado, o estudo conclui que o compartilhamento proporciona uma específica simetria na relação psicodramatista-paciente, destacando a universalidade de sofrimentos que atravessa a todos, independentemente do papel que se esteja desempenhando em dado momento.

Palavras-Chave: Psicodrama; psicoterapia; Psicodrama individual bipessoal; compartilhamento.

## **ABSTRACT**

This study analyzes the sharing stage of the Psychodrama session in the specific scope of the bipersonal individual modality, when there is only the psychodramatist and his patient and both can perform the “function” of audience without overloading the patient in the session, since this already dramatized and still want to expose a little bit of how you would be feeling. As an objective, it proposes to analyze what are the effects of the psychodramatist's sharing for the patient. It presents, with this aim, a qualitative case study research whose sources are articles deposited in scientific databases, interviews on the subject with renowned psychodramatists in the national scenario and a case of Bipersonal Individual Psychodramatic Psychotherapy. Such methodological resources identified the need for care on the part of the psychodramatist when sharing with the patient, considering the moment, dynamics and process of the patient, so that the roles are not mixed and the effect is psychotherapeutic. Based on this result, the study concludes that sharing provides a specific symmetry in the psychodramatist-patient relationship, highlighting the universality of suffering that goes through everyone, regardless of the role one is playing at a given moment.

**Keywords:** Psychodrama; psychotherapy; Bipersonal individual psychodrama; sharing.



## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	13
3	COMPARTILHAMENTO — O TEMA PROTAGÔNICO DESTA PESQUISA.....	33
4	A PESQUISA E SUA METODOLOGIA .....	41
5	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM PSICODRAMATISTAS SOBRE O COMPARTILHAMENTO EM SESSÃO.....	44
6	ESTUDO DE CASO E SEU PROCESSAMENTO TEÓRICO.....	46
7	CONCLUSÃO.....	58
	REFERÊNCIAS .....	59
	APÊNDICE A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	62
	ANEXO A — O ALTO PREÇO DE VIVER LONGE DE CASA, POR RUTH MANUS .....	63

## 1 INTRODUÇÃO

A canção de Tom Jobim que diz “é impossível ser feliz sozinho” sinaliza que não precisamos e nem devemos estar sozinhos no Amor ou na Dor. Tal percepção passou a fazer sentido para mim logo nas primeiras sessões de Psicodrama das quais participei e cuja última etapa, a do compartilhamento, me encantou.

À medida que os momentos grupais iam sendo vivenciados, seja no papel de diretora, seja no de plateia, mais atenta ficava aos fenômenos que ocorriam na etapa do compartilhamento: como as pessoas se entregavam ao drama do outro e como nele se reconheciam ou como era acolhedor e tranquilizador notar que a dor não é uma exclusividade. Nesses momentos testemunhei identificação, carinho, acolhimento, respeito, transformação e motivação para mudar; apenas para citar alguns dos fenômenos.

Além disso, passei a perceber o compartilhamento como uma resposta diferente de tudo o que está posto neste momento de intenso convívio com a falsa e superficial felicidade das redes sociais, no qual corremos o risco de nos tornar objetos de consumo em uma sociedade do espetáculo, conforme Guy Debord (2002), e estamos expostos às dinâmicas de rivalidade e de competitividade selvagem da sociedade neoliberal radical (Han, 2018), que são estimuladas e recompensadas justamente porque geram lucros.

Diante desse cenário, decidi dividir com todos aqueles que, assim como eu, acreditam na força terapêutica do compartilhamento um pouco do que aprendi com o Psicodrama e com as pessoas que já atendi por meio dessa abordagem: o poder curativo do estar junto, de igual para igual com aquele que está ao lado.

Pressupomos, dessa forma, que o compartilhamento possa proporcionar proximidade e simetria, reconectar o humano e o comum que habita em nós e possibilitar que os envolvidos na relação não se sintam sozinhos em seus sofrimentos.

No que diz respeito ao compartilhamento do psicodramatista em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, em que não há plateia, nós o consideramos um momento diferenciado daquele que ocorre em uma sessão em grupo, que é quando o protagonista recebe algo dos participantes, percebe que seu drama tocou a história de vida de cada um e sai de cena para organizar e acomodar o que viveu na sessão. Ainda, para que esse momento, ou etapa, não gere confusões ou até mesmo atrapalhe o processo psicoterapêutico cujo foco é o paciente, o psicodramatista deve estar atento a certos critérios ao compartilhar algo particular com o paciente, como o vínculo que há nessa relação, a dinâmica psicológica que o paciente apresenta e o objetivo desse compartilhamento.

Tal complexidade motivou meu interesse no compartilhamento do psicodramatista com o paciente e seus efeitos na sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, apresentando-se este como tema ainda pouco debatido no cenário psicodramático.

Com a finalidade de aprofundá-lo, realizamos um estudo de caso focado nos efeitos do compartilhamento do psicodramatista com seu paciente nas sessões de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal e, em paralelo, entrevistamos reconhecidos psicodramatistas do cenário brasileiro cujas reflexões são pertinentes ao estudo de caso.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Na atualidade, observamos, em jornais e estudos de sociólogos como Souza (2019) e de filósofos e cientistas sociais como Bauman (2007) e Han (2018), que as competições e as rivalidades têm prevalecido sobre o estar de igual para igual. Também a empatia não tem sido um fenômeno comum hoje em dia. Quanto a isso, Bauman (2007, p. 8) argumentou que:

Os laços inter-humanos, que antes teciam uma rede de segurança digna de um amplo e contínuo investimento de tempo e esforço, e valiam o sacrifício de interesses individuais imediatos (ou do que poderia ser visto como sendo do interesse de um indivíduo) se tornam cada vez mais frágeis e reconhecidamente temporários.

Nessa perspectiva, observamos que há também uma relevância social no estudo do tema do compartilhamento, tendo em vista que ele contribuiu com o desenvolvimento da empatia e da compaixão e com a percepção do estar junto no drama, do não ficar só, em específico no compartilhamento do psicodramatista com o paciente em Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal.

Para compor a base de dados deste estudo, realizamos pesquisa no portal da “Revista Brasileira de Psicodrama” indicando o período de 2009 a 2022 e utilizando as palavras-chave: *compartilhar*, *compartilhamento*, *psicoterapia individual e compartilhar*, *compartilhamento psicodramatista*, mas a busca resultou nula na data de 20/03/2022. Entretanto, quando buscamos a palavra-chave *Psicodrama*, o resultado apresentou mais de 200 artigos.

Ao repetir a pesquisa dos mesmos termos, no mesmo período, no portal da “SciELO”, obtivemos mais de 300 artigos para a palavra-chave *compartilhar* e mais de 600 artigos para a palavra-chave *compartilhamento*, porém esse artigos são de diversas áreas e não abordam de forma precisa o fenômeno do compartilhamento em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal. Quando efetuamos a pesquisa pelos termos *psicoterapia individual e compartilhar*, o resultado apresentado foi um artigo intitulado “Tratamento do transtorno de

pânico com terapia psicodramática de grupo”. Ainda em buscas no portal da “SciELO”, encontramos mais de 60 artigos para o termo *Psicodrama* e resultado nulo para *compartilhamento psicodramatista*.

Diante da exiguidade dos resultados das pesquisas em ambas as bases de dados para os termos *compartilhamento* e *compartilhar* no âmbito do Psicodrama, verificamos de antemão a importância do incentivo às discussões sobre tais temas. Afinal, precisamos ter clareza da importância e da finalidade do compartilhamento do psicodramatista no atendimento clínico individual bipessoal processual.

### **1.1.1 Problema**

Quais são os efeitos do compartilhamento do psicodramatista para o paciente em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal?

### **1.1.2 Objetivo Geral**

Analisar quais são os efeitos do compartilhamento do psicodramatista para o paciente em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal.

#### ***1.1.2.1 Objetivos Específicos***

A saber:

- Identificar a importância do compartilhamento do psicodramatista.
- Refletir o para quê, como e quando o psicodramatista pode fazer o compartilhamento com o paciente, tendo como base o estudo de caso e as entrevistas realizadas.
- Identificar quais as respostas do paciente frente ao compartilhamento do psicodramatista em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal.
- Explicitar o objetivo do compartilhamento do psicodramatista com seu paciente em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal.

### **1.1.3 Hipótese**

Acreditamos que o compartilhamento do psicodramatista com seu paciente em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal possa promover um momento de encontro que estimule uma resposta nova e espontânea do paciente no tocante ao seu sofrimento, acarretando a diminuição da assimetria dessa relação.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 AFINAL, O QUE É PSICODRAMA?

A ação psicodramática produz encantamento por onde passa. Seja no trabalho em grupo, seja no individual bipessoal, nas mais diversas modalidades, a força que traz para o *setting* é profundamente transformadora. Porém, não se trata de sair fazendo qualquer coisa, agir por agir. Não é uma mágica, mas “uma teoria que tem como ponto inicial o vínculo” (Bustos, 1999, p. 17), e essa afirmação prenuncia a efetividade e o encantamento que a abordagem desperta.

Nessa perspectiva, em qualquer atividade da vida é preciso que haja vínculo, e um vínculo de confiança, para que haja entrega e, por consequência, as transformações surjam. Essa teoria oportuniza o olhar diferenciado para um registro emocional cujo novo entendimento poderia promover saúde onde até então só havia sofrimento e dor. “O psicodrama nos dá a oportunidade de encontrar essa peça faltante e mal colocada para expressar o que sempre desejamos, mas não ousamos, para chorar quando estamos tristes ou cantar ao nos sentirmos felizes” (Duric, 2005, p. 19).

A teoria psicodramática concebe um homem criativo e espontâneo que, ao longo de sua vida, pode sofrer embotamentos em cada um desses aspectos ou em todos simultaneamente. Tais embotamentos ocorrem por conta das *conservas culturais*, podendo se manifestar em determinadas relações e não em outras.

Numa visão psicodramática, o *adoecer* [ênfase adicionada] é o adoecimento da espontaneidade e da criatividade. Quando não estão presentes ou quando são mobilizadas escassamente, os movimentos existenciais possíveis de ocorrer numa relação qualquer ou não se realizam ou se realizam pobremente (conservadamente). (Perazzo, 2010, p. 65)

Nos idos de 1934, Moreno desenvolveu os pressupostos teóricos da Socionomia — do latim *sociu*, que significa companheiro, grupo, e do grego *nomos*, que significa regra, lei —, que se dedica ao estudo daquilo que rege os comportamentos sociais e grupais.

A teoria sacionômica, nos ensinamentos de Moreno (1992), divide-se em:

- Sociodinâmica — estuda como ocorrem as relações interpessoais, ou seja, seu funcionamento.
- Sociometria — mede as relações estabelecidas entre as pessoas, sendo necessário um uso criterioso das ferramentas disponíveis para essa métrica das relações.
- Sociatria — propõe a possibilidade de cura de toda a sociedade, e não apenas na esfera individual do psiquismo.

Ainda segundo o autor, para alcançar esses fundamentos, devemos utilizar as intervenções da Psicoterapia de Grupo, que está focada nas relações interpessoais do próprio grupo; do Psicodrama, cujo protagonista pode ser o indivíduo ou o grupo; e do Sociodrama, quando o grupo se une por um objetivo ou tarefa comum.

Recorremos a Nery (2010) para aprofundar essa teoria:

Nesse processo, a abstração daquilo que denominamos ‘eu’ tem sua concretude na vida em grupos, que nos impinge processos identitários, conflitos afetivos e exercícios de poder. Assim as dicotomias indivíduo e coletividade, psique e sociedade são superadas, pois o meu ‘eu’ é composto por vários ‘eus’ ou ‘outros’ dentro de mim e não se estrutura sem os outros com quem convivo e que têm muito ‘outros’ dentro de si. Este é o pressuposto maior da teoria socionômica: o ‘eu’ surge por meio do encontro com o outro. (p. 19)

Perazzo (2010), por sua vez, sempre preocupado com o sentido e o significado daquilo que se diz, propõe que a definição mais adequada para o atendimento clínico usualmente chamado bipessoal seja chamado Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal.

A partir de uma análise própria, Herranz (2000), conceituou esses mesmos termos como:

Psicoterapia: à medida que define um processo terapêutico, não um ato terapêutico. . .

Psicodramático: quando se utiliza a ação como método de trabalho. . .

Individual: especificando o número de pessoas que vamos atender. . .

Bipessoal: fazendo referência ao laço ou ao vínculo paciente-terapeuta como o *locus* sobre o qual se organizará o tratamento. (p. 30)

Cabe considerar que, no meio psicodramático, é habitual nomear o atendimento clínico de Psicodrama bipessoal ou abreviadamente de bipessoal. Sendo Perazzo um dos autores-base desta pesquisa e este estudo baseado em um caso clínico individual, entendemos ser fundamental que essa nomenclatura proposta por ele seja a utilizada no transcorrer desta monografia.

Do mesmo modo, é fundamental esclarecer que priorizamos o uso do termo nominal *compartilhamento* — entendido tal como Moreno define a terceira e última etapa de uma sessão psicodramática e como Perazzo o aborda em seus estudos — e manteremos o uso do termo verbal *compartilhar* — também entendido como a terceira e última etapa de uma sessão psicodramática — quando tiver sido mencionado sob a perspectiva de autores que adotam esta forma, a fim de preservar a fidedignidade da referência teórica.

Por fim, tendo em vista o vasto arcabouço teórico psicodramático, nesta pesquisa abordaremos apenas os conceitos relacionados à etapa do compartilhamento — espontaneidade, criatividade, tele, transferência, coconsciente e inconsciente, Filosofia do Momento e Encontro.

### **2.1.1 Espontaneidade**

Espontaneidade vem do latim *sua sponte*, que significa *de livre vontade*. Para o homem atual, ensinado e condicionado pelo externo, fruto de conservas culturais cristalizadas, pode soar um pouco desconfortável que tal qualidade lhe seja “intrínseca”, própria e previamente definida.

“A espontaneidade é o fator que faz parecerem novos, frescos e flexíveis todos os fenômenos psíquicos. É o fator que lhes confere a qualidade de momentaneidade. . . . Uma mudança na situação exige uma adaptação plástica do indivíduo a ela” (Moreno, 1975, p. 153). No dizer de Moreno, espontaneidade é a capacidade de dar uma resposta adequada para uma situação nova ou dar uma nova resposta para uma situação já conhecida.

Ser espontâneo não significa dar qualquer tipo de resposta, de expor tudo o que se pensa, de não estar coerente com um cenário ou contexto. Por isso, ao tratar de condicionamento e treino da espontaneidade, Moreno (1975) está tocando exatamente na questão de adequações e de ajustes tão delicados e necessários ao ser humano que está o tempo todo banhado por relações.

Em outro ensinamento, Moreno (1975) esclareceu que “o comportamento desordenado e os emocionalismos resultantes da ação impulsiva estão longe de constituir desideratos do trabalho de espontaneidade. Pertencem, pelo contrário, ao domínio da patologia da espontaneidade” (p. 163), por isso a necessidade e importância do treino. Em um primeiro momento, conceber o treino da espontaneidade pode parecer um tanto contraditório, contudo a espontaneidade sem aquecimento e treino não passa de impulsividade.

### **2.1.2 Criatividade**

Perazzo (2010) explicitou que o que

O psicodrama tem de mais específico e constante, do ponto de vista teórico, é sua teoria da espontaneidade e criatividade. É isso que Moreno privilegia.



É isso que diferencia o psicodrama de qualquer outra escola ou movimento que trata do homem e de suas relações humanas. (p. 116)

Tal teoria não tornou mais fácil definir *criatividade* separadamente da espontaneidade, visto que estão mutuamente ligadas. É como se a espontaneidade fosse o invólucro, e a criatividade o conteúdo que está dentro. Sem rigidez para não se tornar estanque, mas ligados, codependentes, como a taça que precisamos para beber um vinho.

A espontaneidade é o que permite que a criatividade se manifeste. Um sujeito repleto de criatividade, mas que não tenha espontaneidade para expressá-la é um gênio enclausurado. Enquanto aquele que age por agir, no espontaneísmo, torna-se inadequado, pois não usa da criatividade e da sensibilidade para escolher a resposta mais apropriada.

“A criatividade é o processo de criar uma energia liberada para dar origem a novas relações interpessoais, novas formas de comportamento” (Duric, 2005, p. 32). Nesse sentido, segundo Perazzo (2010), a junção espontaneidade-criatividade é mais adequada para compreendermos o conceito.

### 2.1.3 Tele

Em 1923, Moreno fez a primeira referência à *tele* quando observou maior fluência entre pares de atores de Teatro Espontâneo. Tal fenômeno não era observado em outros pares, como corrobora Perazzo (2010) ao supor “que exista algum fator individual que extravasa para a ação dramática, tornando-a mais espontânea, desde que em contato com o mesmo fator individual daquele com quem se contracena” (p. 69).

Entre 1923 e 1959, Moreno foi desenvolvendo tal conceito ora complementando ideias, ora as contradizendo. Igualmente os psicodramatistas pós-morenianos tentaram definir tal conceito, porém acabaram em contradição em certos pontos ao que Moreno propôs.

Perazzo (2010), em “Psicodrama: o forro e o avesso”, resumiu as ideias de Moysés Aguiar — segundo Perazzo, Aguir revolucionou o conceito de tele nos idos de 1986 — desta forma:

Sendo a tele definida como de caráter inter-relacional, ela não pode se opor à transferência, cujo caráter é intrapsíquico, uma não podendo ser definida em função da outra, mesmo entendendo que o inter-relacional e o intrapsíquico são duas faces de uma mesma moeda. (pp. 72-73)

Na psicologia da percepção, o real se confunde com o percepto; logo, a percepção correta é puro mito porque o percepto não coincide nunca com o objeto real. Consequentemente,

não podemos falar de tele como percepção correta ou de transferência como percepção distorcida, sendo esta a patologia daquela.

Dessa forma, considerando que “o critério para a definição de tele é a cocriação dentro de um mesmo projeto dramático” (Perazzo, 2010, p. 73), podemos vislumbrar que a transferência não inviabiliza a tele. Na tele temos o coconsciente e o inconsciente e ambos não se dissociam dela, de modo que ela só existirá quando houver uma relação, quando ocorrer a relação, por isso é um equívoco alguém se dizer tético, visto que é a relação que dará condição para que tal fenômeno aconteça, não sendo este um atributo individual.

O emprego de tele como um atributo individual, o que é muito comum (por exemplo: a minha tele, a minha tele com fulano etc.), pode ser entendido como sua dimensão individual. O que quero dizer com isso é que tele é sempre algo de uma relação em que esteja ocorrendo ou não, em certa medida, cocriação. (Perazzo, 2010, p. 74)

#### 2.1.4 Transferência

Anteriormente fundamentamos o aspecto relacional da tele, fenômeno que necessita de uma relação para acontecer. Em adição, no que diz respeito à relação, outro fenômeno envolvido é a *transferência*. Diferentemente da tele, a transferência é, sim, da esfera individual. Ela carrega toda a história do sujeito que, por sua vez, mostra a forma como ele se vincula, vê o mundo, se vê e vê o outro da relação.

Seria possível uma relação sem transferência? E se pensarmos a transferência como as lentes pelas quais cada um vê o mundo — fatos, pessoas, emoções? Então poderíamos limpá-las, mas não deixar de usá-las, caso contrário o mundo não seria percebido.

Nesse contexto, a ação psicoterapêutica seria a limpeza das lentes, e não sua retirada, de modo que o paciente seguiria imprimindo sua própria leitura dos fenômenos da vida. Também não se trata de buscar uma “maneira certa” de olhar, mas, sim, de compreender aquilo que o faz sofrer, adoecer ou se limitar.

A transferência não é uma exclusividade, mas algo que acontece em todas as relações com maior ou menor intensidade: “A transferência é o fenômeno geral, ou seja, o ato de transferir. As lógicas afetivas de conduta e os sentimentos que envolvem essa forma distorcida de se vincular são aquilo que é transferido” (Perazzo, 2010, p. 81).

Quando tal fenômeno ocorre é como se acontecesse uma espécie de transposição, algo que não era de determinado lugar passa a ocupá-lo, e de um jeito que não acomoda, que

compromete o estado atual gerando um desconforto. É algo que faz sofrer, o que ressalta seu âmbito individual.

A transferência passa a ser vista como um conjunto constituído pelo personagem conservado, que se transfere para os mais diversos papéis sociais pelo efeito cacho, pelas lógicas afetivas de conduta que fornecem sua pauta de atuação, pelo poder simbólico do personagem atuado a partir de um contrapapel decorrente de um vínculo primário, fornecendo como que um mandato, e pelos equivalentes transferenciais, ou seja, os sinais indiretos da transferência visíveis na complementaridade tantos dos mais variados papéis sociais, na vida, de um modo geral, quanto na cena dramática por meio dos inúmeros papéis psicodramáticos. (Perazzo, 2010, p. 102)

### 2.1.5 Coconsciente e Coinconsciente

No que diz respeito aos conceitos de *coconsciente* e *coinconsciente*, ressaltamos o necessário cuidado teórico para não unir os conceitos psicanalíticos ao Psicodrama, em respeito à base teórica de origem de cada área. Não se tratando de reunir conceitos, e, sim, de estudá-los a partir da unidade teórica do Psicodrama.

"O inconsciente moreniano presentifica-se na história das relações, como uma 'interpsique'. A palavra 'estado' tem na linguagem moreniana a conotação de uma situação ou acontecimento. Ou seja, o estado inconsciente existe enquanto existir a relação, na transitoriedade de um tempo e um espaço, concreta ou imaginariamente" (Merengué, 2001, p. 84).

Nessa perspectiva, o conceito de coconsciente e o de coinconsciente partem da relação, em outras palavras, tais fenômenos só poderão ocorrer onde houver uma relação. No dizer de Moreno, o inconsciente não é uma instância com "vontade própria", mas, sim, aquela pela qual não alcançamos nossa consciência.

Quando nos referimos a coconsciente e a coinconsciente, respectivamente, estamos falando de conteúdos dos quais temos noção/percepção e daqueles sobre os quais ainda não lançamos luz, e isso não no âmbito privado, singular e exclusivo, uma vez que o prefixo *co* ocorre no *entre*, tocando em todos os envolvidos na relação, seja uma díade, seja um grupo, seja uma família, seja uma sociedade. Por exemplo: conteúdos compartilhados e vivências divididas com clareza/nitidez (coconsciente) e os sem muita explicação ou entendimento (coinconsciente).

Platão foi quem tornou tudo estanque, fixo, categorizado, dividido em bom e ruim. Com tal premissa perdemos o devir, o vir a ser, o movimento ou a transitoriedade, esta tão bem

contemplada por Heráclito. Perdemos a tragédia, o herói trágico, aquele não saber, o campo do espontâneo e criativo.

Na visão de Naffah (1989), “todo o herói trágico sabia que, dependendo das forças divinas que tomassem o seu corpo e o seu espírito, ele seria isso ou aquilo, colérico ou gentil, criminoso ou cumpridor das leis, rei ou mendigo” (p. 79).

E qual é a relação disso tudo com os conceitos de coconsciente e coinconsciente? Eis que se valorizou, priorizou aquilo que está na consciência como sendo “bom”, relegando-se àquilo que está no inconsciente como sendo “ruim”. Separação, valoração, discriminação. Esse entendimento ganhou força com a Revolução Industrial e se manteve até o século XVIII, quando as forças disciplinares mudaram, mas seguiram com a mesma postura regulatória.

A primeira definição de Freud para inconsciente, “como atemporal, como lugar de convivência pacífica dos contrários” (Naffah, 1989, p. 81), aproxima-se do Psicodrama como um “espaço” de acolhimento, de possibilidades, de liberdade, sem conservas. Contudo, tal flexibilidade se enrijece na teoria freudiana com a concepção do complexo de Édipo, que a conservou novamente.

Naffah (1989) explica ainda que “não desaparece totalmente o universo dos fluxos-nômades mas, doravante, ele terá que ser necessariamente domesticado, sob o risco da psicose” (p. 83), de modo que o movimento e o devir não conseguem mais ter espaço sob risco da doença, por isso o controle, a repressão e a organização dos conteúdos entre conscientes e inconscientes.

No Psicodrama, apesar de uma relutância inicial e de nunca ter definido de fato, Moreno incorporou ao conceito de inconsciente o âmbito social. “Surge, assim, a noção [vaga] de coinconsciente . . . [como] estados inconscientes, comuns a certos grupos de pessoas que têm uma convivência muito estreita” (Naffah, 1989, p. 83).

Para Naffah (1989, p. 85), o inconsciente teria uma possibilidade de resistir ao que disciplina, restringe por não pensar em conserva cultural. O inconsciente é o espaço que permite o novo, a flexibilidade, a vivência dos opostos e dos diferentes, em suas palavras é um espaço “avesso a qualquer ideia, modelo ou cópia, onde as coisas não são, mas “devêm” incessantemente”, sendo *devêm* entendido como flexão de *devir*, como transformação, e não de *dever*, como obrigação.

Diante do exposto, podemos pensar que o inconsciente no Psicodrama seria o propulsor da espontaneidade e da criatividade? Sim. Afinal, pensar os conceitos de coconsciente e coinconsciente é pensar todo esse fenômeno ocorrendo no *entre* das pessoas, no *meio* das relações, aquilo que ocupa um espaço que ora são conteúdos claros, ora são conteúdos obscuros.

“Os estados coconscientes e coinconscientes são, por definição, aqueles que os participantes experimentaram e produziram conjuntamente e que, por conseguinte, só podem ser reproduzidos em conjunto. Um estado coconsciente ou coinconsciente não pode ser propriedade de um único indivíduo” (Moreno, 1975, p. 30). E, como um não pode fazer pelo outro porque os envolvidos têm os estados coconsciente e coinconsciente em comum, e estes só podem ser reeditados com todos os envolvidos, o método para fazer isso é o Psicodrama, por meio de uma interpsique.

Em Perazzo (2010), vemos como os conceitos de coconsciente e coinconsciente são indissociáveis da tele justamente porque precisa existir uma relação para que esses estados existam e porque esses três conceitos estão fundamentados naquilo que ocorre *entre* os sujeitos da relação. Não são propriedades exclusivas de ninguém, são construídos por todos os envolvidos e, assim, pertencem a todos. Parte do todo de cada um.

“Essa cultura comum, uma cultura de grupo, por sua vez, determina uma forma de comunicação, quer pelo viés da razão, quer pelo viés da emoção, que configura certas particularidades numa forma de estar consigo mesmo e com o outro” (Perazzo, 2010, p. 126). Do que podemos depreender que coconsciente e coinconsciente são todos os conteúdos compartilhados entre os sujeitos das relações, tanto em um âmbito explícito/descoberto quanto em um âmbito implícito/encoberto.

Perazzo (2010) esclareceu

Que é o jogo de ocultamento e de desvelamento movimentado pelas forças coconsciente e coinconsciente, presentes em qualquer relação, que configura o fenômeno tele, dependendo do seu potencial co-criativo [*sic*], imprimindo ou não fluidez à ação dramática em um grupo qualquer de psicodrama a qualquer projeto dramático na vida, em qualquer vínculo, por meio de qualquer complementaridade de papéis sociais, extrapolando o próprio grupo de psicodrama. (p. 128)

Esses fenômenos permitem a escolha do protagonista nos grupos e darão *solo* para a etapa do compartilhamento, no final da sessão. Estudiosos da área dizem que é por conta do coconsciente e do coinconsciente que a cena protagonica promove eco nos participantes do grupo, por isso não é possível pensar tais conceitos em separado, independentes. Durante a sessão, são eles que *guiam* os egos e o próprio diretor. Sendo importante, portanto, discutir esse conteúdo porque a Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal também é uma relação, ainda que com um número reduzido de participantes.

Clareando a discussão, o coconsciente e coinconsciente são conceitos que possibilitam a tele, e é a junção desses três conceitos que permitem o “encontro”, expressão e conexão máxima entre os sujeitos, tal qual o fio invisível que liga as relações humanas.

Knobel (2016) buscou entender como se estabelece o coinconsciente de uma forma especulativa, como ela mesma esclareceu. Para a autora, não é possível acessar como ocorre o desenvolvimento psíquico nos bebês, por isso a teoria da matriz de identidade se configura uma explicação teórica de hipóteses sobre tal processo: “A concepção moreniana acerca do inconsciente é interpessoal e envolve um campo vincular coconstruído e coexperienciado” (p. 17).

O Psicodrama concebe a inter-relação e a interdependência entre os sujeitos. É a forma como os primeiros cuidadores traduzem o mundo da criança que vai estruturando seu coconsciente e seu coinconsciente. Nesse momento, as distorções podem corresponder a dificuldades posteriores no desempenho dos papéis e, por conseguinte, ser pensadas como bases para a transferência.

Nesse sentido, Moreno (1961) entendeu

que os estados coinconscientes são resultados diretos da experiência íntima entre conjuntos de indivíduos. Mas ele pode ser também resultado de experiências que ocorrem nos planos social e cultural. O contato pessoal íntimo é substituído pelo contato indireto, transpessoal ou social. A intersique familiar é substituída pela intersique cultural. (pp. 234-241)

A proximidade, a intimidade, a conexão é que permite a manifestação de tais estados. Moreno (1961) percebeu isso quando trabalhou com atores espontâneos nos idos de 1921–1923, chamando de compreensão média algo composto de uma compreensão recíproca e de memórias interpessoais o que promovia cenas diferenciadas. Em 1923, passou a denominar tais conceitos de coconsciente e coinconsciente.

Nery (2014), ao estudar os momentos pelos quais o coconsciente e o coinconsciente passam para se estruturarem em um vínculo, esclareceu que toda a relação vincular possui conteúdos que são comuns aos envolvidos, que são construídos naquela relação específica e que por isso são inéditos, únicos, exclusivos, sem dono, ou seja, que pertencem a todos que compõem a relação.

Argumentou ainda que “o coconsciente e o coinconsciente formam o todo de um vínculo, com características peculiares. Nossos relacionamentos nos mostram sua singularidade” (Nery, 2014, p. 155). Desse modo, nenhum vínculo é imune aos fenômenos tele e transferência que atuam na relação, e ainda que seja construído por todos os envolvidos, receberá atuação de tais fenômenos, pois “o movimento vincular atua crescente e mutuamente o fenômeno tele e cotransferência” (Nery, p. 155).

Quando as pessoas se encontram, esse momento se mostra repleto de mensagens que são comunicadas das mais diversas formas, explícita e subliminarmente, gestual e

corporalmente, na fala. Nesse cenário, a tele, fenômeno inter-relacional, contribuirá para que o vínculo se estabeleça e também criará a imagem mental de cada um acerca do outro na relação. Também ocorre certa confusão nesse momento justamente porque os vínculos estão se fundando, se acomodando, se conhecendo.

A partir do momento em que se estabelece um vínculo entre os sujeitos, inicia-se a produção de conteúdos compartilhados, divididos e resultantes da troca entre eles. Desse modo, algo a mais do que os conteúdos exclusivos e singulares de cada um passa a existir: os conteúdos que são resultantes, que são misturas, que são nuances de cada sujeito da relação. São conteúdos do *entre*. Por isso, deixam de ser consciente e inconsciente e passam a ser coconsciente e coinconsciente, pertencendo a todos os envolvidos em uma relação. Tais conteúdos se tornam exclusivos e singulares daquela relação.

Há, nesse cenário, uma diferenciação entre o *eu* e o *tu* para que juntos consigam construir o *nosso*. A partir da tele e da transferência é que o vínculo vai tomando uma direção que pode trazer novas possibilidades ou conflitos.

“A formação do coconsciente e do coinconsciente implica uma apreensão mútua dos universos consciente e inconsciente dos envolvidos no vínculo” (Nery, 2014, p. 156). Esse processo ocorre de forma dinâmica, ou seja, à medida que a diferenciação entre os envolvidos vai acontecendo, a inversão dos papéis no vínculo vai se tornando possível. Logo, as imagens mentais recíprocas sofrem os ajustes necessários, a complementaridade dos papéis está mais clara e coerente e há um novo lugar e uma nova identidade para cada um dentro dessa relação vincular.

“Pela inversão de papéis, o coinconsciente torna-se cada vez mais coconsciente, possibilitando a cocriação” (Nery, 2014, p. 161), havendo, nesse caso, uma troca entre o intersíquico e o intrapsíquico, que também é regulada pela modalidade vincular de cada um dos envolvidos que vai aparecer na relação.

Além disso, à medida que cada um dos envolvidos vai se deparando e lidando com os conteúdos que são exclusivamente seus e que contribuem para a construção do coconsciente e coinconsciente daquela relação, a própria relação vai mudando.

Nessa condição, cada sujeito tem suas lógicas afetivas de conduta, suas conservas culturais, sua espontaneidade-criatividade, seus papéis latentes e imaginários que constituem a modalidade vincular afetiva, que seria, em outras palavras, o “jeitinho” que cada sujeito se coloca no mundo, ou seja, nas relações.

De acordo com Moreno (1975), o caminho para o estabelecimento de uma relação vincular com os conteúdos coconscientes e coinconscientes segue algumas fases da matriz de

identidade: identidade do *eu*, reconhecimento do *eu* e do *tu* e inversão completa da identidade. Desse modo, a forma como o sujeito desempenha seus papéis sociais está intimamente ligada aos aprendizados emocionais que ele teve nos vínculos que estabeleceu. Ou seja, a forma como ele se coloca no mundo, cria, resolve ou mantém problemas em sua vida, as pessoas das quais se aproxima ou se afasta, como luta ou não para satisfazer necessidades ou desejos resultam de interiorizações que fez e faz ao longo de sua existência, desde seu nascimento.

Em adição, certas respostas se tornam conservas que podem sofrer alterações desde que o sujeito em questão se permita ter um olhar novo e diferente, que estabeleça uma nova perspectiva, gerando um novo registro, ou seja, fruto de algo que foi aprendido. Todo esse processo de aprendizagem ocorre por meio da afetividade, que não é sinônimo de carinho, mas, sim, aquilo que atinge o outro, podendo ser também uma agressão, por exemplo. No dizer de Nery (2014), “sem afetividade, os papéis cumprirão mecanicamente suas funções e serão desempenhados sem vitalidade e criatividade” (p. 38).

De acordo com o autor, as vivências do sujeito ao longo de sua vida geram marcas afetivas que são o registro emocional daquilo que ele viveu. Com efeito, ao vivenciar uma experiência que, apesar de inédita, acesse um registro anterior, haverá um sinal, uma chamada emocional que trará à tona aquilo que fora aprendido na experiência anteriormente vivida, fazendo com que o sujeito reaja conforme estava registrado até então. Nery (2014) denominou esse processo de *lógica afetiva de conduta*.

A lógica afetiva de conduta é um padrão de posicionamento nos vínculos que complementam ou reavivam uma determinada marca emocional cujo objetivo é restabelecer ou manter o equilíbrio psíquico, ainda que isso possa trazer prejuízos se olhado com racionalidade. Observamos, porém, que o sujeito define seu equilíbrio a partir das marcas que ele tem e que foram geradas nos vínculos afetivos que ele teve. Assim, cada sujeito é repleto de lógicas afetivas de conduta que atendem às suas necessidades de amor, proteção, segurança, reconhecimento, pertencimento, entre outras.

Ressaltamos que os conteúdos coconsciente e inconsciente são propriedade de ambos os envolvidos e que, neste estudo, utilizamos como metáfora para representá-los a intersecção dos conjuntos matemáticos, a saber: como cada sujeito tem seu próprio consciente e inconsciente, a parte em que os conjuntos “se unem” na matemática caracteriza o conceito de coconsciente e o de inconsciente. Essa imagem reproduz a necessidade da presença de todos os envolvidos para que seu conteúdo seja acessado. De outro modo, seriam acessados apenas o consciente e inconsciente singular/individual de cada um.



### 2.1.6 Sobre a Teoria de Papéis e a Teoria de *Clusters*

Segundo Fox (2002),

O papel pode ser definido como as formas tangíveis e concretas assumidas pelo eu. Assim, podemos entendê-lo como as formas funcionais que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, em que outras pessoas ou objetos estão envolvidos. A representação simbólica dessa forma de funcionamento, percebida pelo indivíduo e pelos outros, é chamada de papel. (p. 112)

Em Moreno (1975), encontramos a seguinte definição de papel: “uma unidade de experiência sintética em que se fundiram elementos privados, sociais e culturais . . . [e] uma experiência interpessoal [que] necessita, usualmente, de dois ou mais indivíduos para ser realizada” (p. 238). O autor ainda complementou seus pressupostos declarando que “o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos” (Moreno, p. 27).

Os papéis podem ser:

- Psicossomáticos: estão ligados a aspectos biológicos e são involuntários, por exemplo, o ato de respirar.
- Sociais: ocorrem na malha social, na interação com os outros, por exemplo, o filho em uma família ou, de forma ampla, o psicólogo na sociedade.
- Psicodramáticos: são os papéis imaginados, vividos na psicoterapia.

Perazzo (2010) considerou o desejo, a criação, a fantasia e a imaginação como fundamentais da realidade psicodramática e propôs, na década de 1990, mais uma categoria de papéis, a de fantasia, que não ocorre exclusivamente no cenário psicodramático e nem está sob efeito de transferência, mas está na imaginação, com maior liberdade para serem atuados.

Tais papéis podem ser desempenhados fora do cenário psicodramático, como em jogos infantis e adultos, imitações, entre outros. Quando os papéis de fantasia são atuados no cenário psicodramático, eles se tornam papéis psicodramáticos; contudo, esses papéis “além de ser definidos por seu lócus, o cenário psicodramático, são também definidos por sua função, que é a de fazer ponte entre os papéis sociais e os imaginários, resgatando-os e inaugurando sua atuação” (Perazzo, 2010, p. 88).

Ainda em Perazzo (2010), os papéis imaginários são aqueles que estão imóveis no campo da imaginação porque estão sob efeito da transferência e só podem ser atuados no cenário psicodramático. Em relação aos papéis sociais, não encontramos nenhum ensinamento desse autor que seja diferente do que foi descrito anteriormente. Quanto aos papéis

psicossomáticos, Perazzo questionou se efetivamente poderiam ser considerados papéis ou funções biológicas em si.

Um papel só existe pela interação que tem com seu antagonista (contrapapel), tendo um efeito de complementaridade. Em uma relação, quando um dos integrantes tem maior responsabilidade diante do vínculo estabelecido, concebe-se que se está em assimetria, como na relação entre pais e filhos. Já quando os envolvidos dividem a responsabilidade vincular, tal relação é tida como simétrica, como entre amigos, primos, namorados.

Bustos (1990) foi quem, levando em conta a ordem evolutiva, tanto física quanto psíquica, definiu três *clusters*, a saber: *cluster* um, ou materno; *cluster* dois, ou paterno; e *cluster* três, ou fraterno. Ressaltamos que a denominação de materno e a de paterno não estão relacionadas com a pessoa que o desempenha ou com seu gênero, mas sim com a função que precisa ser desempenhada e como esse processo ocorre. Sendo assim, um homem pode desempenhar o *cluster* materno, e uma mulher o *cluster* paterno.

É um equívoco olhar para os papéis como se estivessem congelados em uma relação, como se fossem exclusivos daquela interação. Entendê-los como *clusters*, como cachos, é justamente porque eles se comunicam, se espalham, se *contaminam*. Vejamos como Amato (2002) apresentou essa concepção:

Os papéis se intercomunicam, trocam experiências. Um padrão de resposta ou de comportamento adquirido no papel de pai pode ser atuado em outro papel em que se exige uma função ativa, de dinâmica semelhante. O mesmo acontece no papel de mãe para com papéis em que se apresenta a dependência, o acolhimento, o cuidado. E, por fim, os papéis fraternos, de igual responsabilidade pela manutenção do vínculo simétrico, nos quais se aprende a competir, a jogar e a repartir. (p. 117)

#### **2.1.6.1 Cluster 1 — Materno**

*“o braço materno*

*Registra a respiração*

*A estima*

*Que fixa meus olhos*

*Beijos seus*

*Escrito eterno*

*Para que na dor*

*Ter o que buscar”*

(Amato, 2002, p. 119)

Ao contrário de bebês de outras espécies, bebês humanos não sobrevivem sozinhos depois do nascimento. Em Gonçalves (1988, p. 41), temos que “o homem moreniano é um indivíduo social, porque nasce em sociedade e necessita dos outros para sobreviver, sendo apto para a convivência com os demais” e, em Moreno (1975, p. 227), que “o fato por meio do qual o bebê é auto-impelido [*sic*] para a vida chama-se espontaneidade”.

É fundamental que o bebê tenha alguém que faça o papel de cuidar dele, de entender e dar sentido às suas manifestações ainda rudimentares, instintivas, corporais. Essa pessoa é o seu complementar e desempenha as funções de *cluster* um – materno, as quais estão ligadas ao cuidado, ao receber algo do outro. Sendo assim, não é função exclusiva do corpo feminino, podendo ser desenvolvida por qualquer pessoa que traduza aquilo que o bebê precisa e ainda não sabe expressar, entender. Esse também será o primeiro ego auxiliar do bebê.

“Quando falamos em *cluster* materno não nos referimos à mãe, mas a este que me cuida, falamos da ‘função’ materna, desta qualidade que tanto a mulher quanto o homem podem e devem desenvolver” (Amato, 2002, p. 118). Na infância, a forma como o bebê vive essa relação de dependência do outro vai estruturando seu *eu*. Além disso, é nessa etapa da vida e como ela foi experimentada que se aprende a receber, a ser cuidado, a reconhecer a fragilidade e a vulnerabilidade que se tem.

Esta é uma das primeiras experiências da existência humana. Em sua matriz de identidade, o bebê depende integralmente de sua mãe ou de quem cuida dele. Nessa fase, predomina a passividade, a incorporação, os cuidados, a experiência da espera, a paciência. (Amato, 2002, p. 118)

Os sentimentos mais presentes nessa fase para a criança são a culpa e a vergonha. Esse vínculo é assimétrico, com responsabilidades diferentes entre os envolvidos e tem como emoções básicas predominantes a voracidade e a inveja.

#### **2.1.6.2 Cluster 2 — Paterno**

*“O primeiro não!  
Profundo, frio e quieto  
Hora de decidir  
Fazer a mochila  
Cheia ou vazia, não importa  
Hora de ir em frente*

*Fazer a estrada*  
(Amato, 2002, p. 123)

À medida que a criança começa a andar, ela já não aceita mais tão passivamente os cuidados. Ela busca e conquista sua autonomia, sendo nessa etapa da vida que aprende a reconhecer, a nomear e a administrar as próprias necessidades. O bebê gradualmente sai de uma vivência de dependência total para adquirir uma autonomia progressiva.

Com seu desenvolvimento físico e psíquico tendo prosseguimento, o bebê começa a sentir novas sensações, como a força nos membros inferiores e o diferenciar-se dos objetos e se notar potente, como alguém que pode fazer coisas.

O exercício da autoridade tão necessário em nossa fustigada sociedade depende do que foi aprendido no *cluster* paterno. As respostas a esta autoridade podem levar a um exercício saudável do papel de autoridade ou, ao contrário, à sua negação ou exercício distorcido. (Bustos, 2001, p. 149)

Nessa fase, a criança começa a se dar conta de que não participa de todas as relações, de que existem relações “que independem dela”. Isso possibilita que ela aprenda tanto que não é única e nem o centro, mas também que precisa buscar e lutar pelo que deseja, ser ativa. A forma como esse *cluster* é vivido vai estruturar o exercício de poder, a possibilidade de escolhas.

Esse também é um vínculo assimétrico cuja emoção básica é o ciúme. A palavra-chave é *autonomia*. E é nesse *cluster* que a criança aprende a escolher e a construir “a capacidade de relacionamento com diferentes pessoas, obedecendo [a] diferentes critérios” (Bustos, 2001, p. 143), a ser capaz, a ser uma pessoa quista e amável. Trata-se de desenvolver de forma saudável a autoconfiança, acreditar em si.

No *cluster* dois se aprende a dar e a dizer não, a ter capacidade de canalizar as ideias. “Esta figura forte que limita a onipotência, tem a particularidade de direcionar a ação” (Bustos, 2001, p. 154).

### **2.1.6.3 Cluster 3 — Fraternal**

*“somos todas almas  
Gêmeas e perdidas  
Por trás das máscaras  
E máscaras  
Todas partes minhas*

*Suas*  
*Sou seu por lado*  
*E o mais sublime*  
*E tu, meu reverso*  
*Encontrar você*  
*É encontrar a mim”*  
 (Amato, 2002, p. 132)

No *cluster três*, a criança experimenta pela primeira vez o “bateu-levou”, primeira relação vincular simétrica, entre iguais, semelhantes. É neste *cluster* que se desenvolve a maioria dos papéis da vida adulta, sendo o único *cluster* com simetria.

Nas palavras de Bustos (2001), “o cluster três nos convida a uma perigosa e responsável capacidade de opção permanente. Posso eleger e elejo estar, é uma forma responsável e adulta de estabelecer um vínculo” (p. 159). Por conseguinte, “os vínculos que sobrevivem da simetria tem três diferentes dinâmicas: compartilhar, competir, rivalizar” (Bustos, p. 158).

Nesse *cluster*, abre-se espaço para negociar, porque há um *nós* que já foi rudimentar no *cluster* um e no dois, porém aqui prevalece. As regras que antes eram impostas e inquestionáveis mudam de perspectiva: “Agora a luta se estabelece e ensina a pactuar, a ceder, a avançar” (Bustos, 2001, p. 162).

Nessa etapa do desenvolvimento, a criança percebe que existem outros similares a ela, e isso representa uma grande mudança para ela que até então vivia em vínculos assimétricos e ocupando a parte mais vulnerável da relação. Essa é a fase de experimentar com os iguais, que reagem de igual para igual em um vínculo simétrico cuja emoção básica é compartilhar.

A emoção essencial é o compartilhamento, assim como a palavra-chave também é compartilhamento. Ressalta-se, contudo, que vivemos em um mundo no qual competir com o outro, buscar ser mais do que o outro ou então buscar ser mais do que o outro a qualquer custo, adentrando na dinâmica da rivalidade, é muito mais estimulado e reconhecido do que qualquer compartilhamento.

O aprendizado de um papel serve de base para outro papel, ou seja, usamos o aprendizado de cada um em outras relações que estabelecemos ao longo da vida. Esse é o fenômeno denominado *efeito cachos*, ou *feixe de papéis*, justamente porque repercute de um para outro papel. Ainda que os papéis sejam diferentes, a forma como o sujeito os desempenha é a mesma ou muito similar.

### 2.1.7 Como Ocorre uma Sessão Psicodramática

Ao pensar em uma sessão, é necessário considerar suas etapas constituintes, a saber: aquecimento, dramatização e compartilhamento.

Segundo Bustos (1990, p. 11), “o aquecimento é uma preparação para a ação espontânea”, podendo ser inespecífico — quando começa pelo superficial — e/ou específico — quando começa a detalhar a situação, os personagens, os espaços envolvidos.

No aquecimento inespecífico, o objetivo é que o paciente comece a se conectar consigo, com o que pensa e sente e que “chegue” para a sessão desligando-se gradualmente de todo o mundo externo no qual estava inserido até antes do início da sessão. O aquecimento inespecífico pode ocorrer de forma verbal ou corporal com movimentos como caminhar e se alongar, visando um reconectar-se com o corpo.

Como disse Cukier (1992, p. 29), “nossa tarefa inicial é auxiliá-lo a ir se desligando desses fatores aleatórios, para poder mergulhar inteiro nos assuntos a serem trabalhados”.

Depois do aquecimento inespecífico, o diretor, ou psicodramatista, utiliza consignas mais específicas e precisas a fim de preparar o paciente para dramatizar. Em se tratando de uma cena, o aquecimento específico abarca a descrição e composição da situação, do espaço físico e dos personagens envolvidos.

Em se tratando de uma Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal na modalidade processual, a etapa do aquecimento pode variar em cada sessão. Muitas vezes o paciente já chega à sessão “aquecido” com o conteúdo que deseja abordar e não é necessário passar por essa etapa, até para que não surta efeito contrário. Outras vezes, o paciente chega muito aquecido e o papel do psicodramatista pode ser até o de “desaquecê-lo”, a fim de que ele se conecte com os elementos do tema com maior clareza. Outras vezes, o paciente pode chegar conectado com o “mundo externo” e é preciso ajudá-lo a “se desligar”, conforme explicitado por Cukier (1992).

De qualquer forma, em toda sessão a etapa do aquecimento sempre ocorre apenas com os ajustes que a sensibilidade e a experiência do psicodramatista vai possibilitando que aconteçam.

Estando aquecido, o protagonista inicia a etapa da dramatização, que pode ser compreendida como a vivência do drama/tema, com cenas explícitas ou não. É o momento em que o protagonista vivencia seu drama. “Não há *script*, a dramatização é espontânea, criada no momento pela protagonista, pelos egos auxiliares e pelo diretor” (Holmes, 1992, p. 29).

A dramatização também ocorre em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, claro, mas contando apenas com o paciente e o psicodramatista. Nem sempre é uma dramatização de cena inteira; muitas vezes são pequenos recortes, o uso de uma técnica, a produção de um material ou ainda unicamente a inversão de papéis. Independentemente da condução do diretor, esse é o momento em que o paciente olha para a temática que o mobilizou e para todas as correlações e entendimentos que foram possíveis naquela sessão.

Com o fim da dramatização, inicia-se a etapa do compartilhamento, também a etapa final da sessão. Nesse momento de fechamento, os participantes que não protagonizaram, no caso de um grupo, dividem suas experiências e vivências com relação ao tema abordado. Conforme mencionou Duric (2005) “o compartilhar é o momento em que os membros do grupo trazem experiências pessoais evocadas pelo drama do protagonista” (p. 27).

É preciso ter muito cuidado para que a sessão não se torne um tribunal no qual o protagonista será réu de seus atos e sentimentos. Tampouco uma avalanche de conselhos e ditames. Para evitar isso, o diretor precisa estar muito atento e conduzir para que as falas ocorram em primeira pessoa, a partir do que aquela dramatização despertou em cada membro do grupo. “Fala-se de si mesmo em relação a aspectos identificados como próprios durante a dramatização” (Bustos, 1990, p. 213).

Aqui é possível resgatar a citação de Bustos, mencionada na seção anterior, sobre o Psicodrama ter como ponto inicial o vínculo. Nesse sentido, perceber que o “meu drama” é o “nosso drama”, que não há sofrimento isolado, único, exclusivo, é o que promove o vínculo. Ou talvez seja o vínculo que permita um se ver no drama do outro.

Em se tratando de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, essa etapa precisa de algumas ponderações, já que o grupo está ausente e contamos apenas com a presença do diretor e a do paciente. Sendo esse justamente o tema deste estudo, de forma que tais ponderações e ajustes serão abordados em um capítulo à frente. Por enquanto, discutiremos apenas as definições do compartilhamento em uma sessão de Psicodrama em grupo.

Além disso, na sessão psicodramática, consideramos o paciente nos contextos social; cultural; psicoterapêutico, no processo de tratamento em si; e dramático, no qual ele revive as cenas de sua vida acionando a realidade suplementar para viver fantasias e experimentar respostas novas.

### 2.1.8 O que Constitui uma Sessão Psicodramática

Além das etapas de uma sessão, existem os elementos que tornam possível a sua realização, a saber: o diretor, os egos auxiliares, o protagonista, a plateia e o cenário.

O diretor é aquele que conduz a cena e atua com a colaboração do protagonista, visando a facilitar e a realizar a dramatização.

Os egos podem ser os participantes do grupo que não são protagonistas da cena, bem como outros psicólogos psicodramatistas que, nesse caso, estão no grupo com a função específica de auxiliar a dramatização. O ego auxiliar representará pessoas, o próprio protagonista ou até objetos, sentimentos, situações; contudo, atuará “sempre instruído pelo protagonista: embora autorizado a representar um traço de acordo com sua experiência, para dar ênfase a uma palavra ou a uma frase, nunca deve ir além dos limites colocados pela vivência do protagonista” (Duric, 2005, p. 20).

O protagonista é aquele que dá vida ao drama, que o põe em cena naquele determinado encontro, sendo o foco da dramatização. Segundo Duric (2005):

O protagonista é o iniciador da dramatização, mas o encontro com ele produz uma resposta energética originária dos membros, que atuam como egos-auxiliares, e do diretor, que fez todos os esforços para assegurar o progresso espontâneo e criativo da ação dramática. (p. 19)

A plateia é composta dos demais integrantes do grupo que não atuam diretamente na dramatização, seguem sintonizados com a história, uma vez que também podem assumir o papel de ego auxiliar em um dado momento. Nesse contexto, Duric (2005) argumentou que “a maneira como compreendem e sentem uma dada situação psicodramática contribui para a resolução de conflitos do protagonista; ao mesmo tempo, têm *insights* sobre seus próprios sentimentos reprimidos ou desconhecidos” (p. 19).

Por fim, o cenário é o espaço que possibilita que a cena seja realizada. Nele, elementos como almofadas ou poltronas podem ser agregados para representar aquilo que estava no espaço onde se deu a cena. Como caracterizou Duric (2005), “com a condução do diretor e a presença do grupo, o palco de psicodrama torna-se um lugar seguro para o estudo das relações humanas” (p. 15).

Todos esses elementos de uma sessão de Psicodrama fazem parte da modalidade de grupo. Quando se trata de uma Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, nem todos farão parte da sessão. Houve um tempo em que se manteve a presença de egos auxiliares



treinados trabalhando juntamente com o diretor (psicodramatista) não apenas nas sessões de grupos. Contudo, por questões de custos para o paciente, esse elemento deixou de estar presente e o diretor passou a realizar o trabalho sozinho, tendo de assumir o papel de ego auxiliar e, depois, de retornar ao papel de diretor da cena em certos momentos da sessão.

Na Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, temos a ausência do elemento plateia. Nesse caso, tanto o paciente quanto o psicodramatista exercem a função de plateia. Quanto ao elemento “protagonista”, ele está sempre presente e é o paciente quem o exerce, sendo tarefa do psicodramatista ajudá-lo a encontrar o tema protagônico daquela sessão. Em razão da ausência da plateia, a etapa do compartilhamento também sofre alterações, como explicaremos mais adiante.

Em toda sessão de psicoterapia psicodramática, independentemente de ser Psicoterapia de Grupo, Sociodrama ou Psicodrama, o diretor fará emprego de técnicas psicodramáticas como o duplo, espelho, inversão de papéis, solilóquio, entre outras. Sob essa perspectiva, o mundo interno do sujeito pode ser expresso por meio de técnicas quando a ação é catártica, expressiva e esclarecedora.

E é a partir das três fases da matriz de identidade que correlacionamos essas técnicas. Por exemplo: no estado inicial, quando a dependência é total, não há diferenciação entre a criança e o mundo, então fazemos uma correlação com a técnica do duplo; na fase seguinte, a criança, ao se perceber, vive um estranhamento inicial seguido de reconhecimento, nesse caso fazemos uma correlação com a técnica de espelho, por meio da qual o sujeito se vê fazendo, ou seja, é um olhar externo, saindo do papel de participante de uma cena para o papel de expectador; e, por fim, quando o sujeito é capaz de reconhecer o Eu e o Tu e de alternar entre esses dois papéis, fazemos a correlação com a técnica de inversão de papéis.

### 3 COMPARTILHAMENTO — O TEMA PROTAGÔNICO DESTA PESQUISA

Considerando o pressuposto moreniano de que o homem adocece e se cura nas relações, que somos seres em relação, o olhar para aquilo que ocorre no atendimento de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal também segue tal prerrogativa.

Na sessão e em relação, psicodramatista e paciente são papéis complementares e assimétricos, e as emoções e os sentimentos são universais; logo, aquele que escuta também tem sua história e suas próprias emoções e sentimentos. Tal enunciado pode parecer óbvio, mas às vezes o óbvio precisa ser dito. Ainda, é reconhecendo a si mesmo como humano e banhado por toda carga emocional que caracteriza a humanidade que o psicodramatista pode compartilhar.

Perazzo (1999) expôs como todo o desenrolar de uma sessão psicodramática em grupo é permeada pelo compartilhamento de conteúdos coconscientes e inconscientes, e esse fenômeno também pode ser observado na modalidade individual bipessoal:

Compartilhar supõe um movimento interpenetrante entre seres humanos que se configura como o fluir possível, em cada momento, de um conjunto de sensações, emoções e sentimentos, nomeados ou não, gravados de alguma forma corporalmente, claramente visíveis ou não, simbolizados pela palavra ou pela expressão gestual ou não, decodificados pela percepção distorcida ou não pela transferência, resultado de uma simultaneidade de construção co-criativa [*sic*], co-consciente [*sic*] e co-inconsciente [*sic*].

Faz-se necessário distinguir esse estado de compartilhamento que está emaranhado nas relações daquilo que é entendido como a última etapa de uma sessão psicodramática. (p. 126)

Independentemente da modalidade — seja grupal, seja individual —, uma sessão segue as etapas de aquecimento, dramatização e compartilhamento. Quando se está no atendimento individual bipessoal, o psicodramatista precisa ter cuidado e ética para identificar a pertinência do seu compartilhamento. Isso é necessário para que ele não sobrecarregue o paciente com suas histórias ou que sirva de escape por estar precisando de psicoterapia e/ou supervisão.

O efeito do compartilhamento para o paciente pode ser entendido conforme caracterizou Perazzo (1999):

Desta maneira, compartilhar, não importa de que modo, dependendo da qualidade com que os sujeitos se interpenetram co-consciente [*sic*] e co-inconscientemente [*sic*] um processo co-criativo [*sic*], poderá ser a parte visível e vivida daquilo que a Filosofia do Momento, de Moreno, chamaria de encontro, ou o seu desencadeante possível no presente ou num ponto futuro. (p. 131)

O compartilhamento tira o protagonismo do paciente na hora em que ele precisa de acolhimento e suporte, permitindo-lhe ver que seu drama não é solitário e único, que há outras respostas para o que ele achava ser de sua exclusividade. É o estar com o outro, estar em relação, coconsciente e coinconsciente agindo.

Na visão de Dunker (2019), “criar junto com o outro e deixar-se afetar pelo outro. Deixar-se levar, compartilhando, ainda que provisoriamente, não só suas opiniões e ideias, mas principalmente o que há de estranho no outro, suas incertezas e confusões, suas incoerências e descaminhos” (p. 59).

O compartilhamento permite constatar similaridades tanto em uma sessão em grupo quanto em uma sessão individual. Há envolvimento naquilo que vem do outro. Dessa maneira, é quase inevitável que, ao acompanhar um paciente, as próprias questões do psicodramatista não emerjam em alguma medida. Com efeito, quando ao final da sessão se diz ao protagonista como sua história fez eco, o que se está também dizendo é: “você não está sozinho!” É isso que muitas vezes completa e finaliza tudo o que foi trabalhado anteriormente em cena e promove “um novo existir consigo mesmo, a partir de uma nova maneira de existir-com-os-outros” (Perazzo, 1999, p. 129).

É no compartilhamento que o encontro moreniano pode acontecer. É em toda a sessão que vão ocorrendo compartilhamentos. E é na relação que se dá um dos pilares da teoria moreniana — que nos vê sempre com o outro, em relação —: o compartilhamento.

Como bem argumentou Perazzo (1999),

não sendo o homem uma ilha e tendo como origem de seus conflitos e do sofrimento que deles decorrem a relação com outros seres humanos, qual psicoterapia, incluindo a psicanálise e o psicodrama, não seria no fundo uma psicoterapia da relação? (p. 99)

Esclarecemos que não é possível imaginar que não haja trocas, compartilhamentos nas outras etapas de uma sessão, mas que neste estudo, em razão do recorte necessário, estamos focando a etapa específica do compartilhamento.

Bustos (2005, p. 91) também caracterizou a função do compartilhamento:

Num primeiro momento, considerava-se essa etapa a hora de comentar a cena dramatizada. Nada mais errado. O grupo reaparece depois de ter sido relegado durante a sessão. O protagonista foi sociometricamente eleito, cumpriu sua missão de porta-voz e é hora de dar-lhe o *feedback* de seu trabalho. A consigna é: agora cada um precisa sentir em que ponto foi tocado pela dramatização. Não se fala mais do protagonista, agora cada um fala de si mesmo.

Nesse sentido é importante ter em mente que depois de olhar para o outro (reconhecimento do *tu*) em uma sessão de grupo, o olhar volta-se para si (reconhecimento do *eu*) a fim de fazer contato com aquilo que tem de seu no drama protagonizado. Isso é muito diferente de dar sugestões, opinar ou justificar o protagonista. Esse é o momento de ficar ao lado dele, hora de ver que todos têm dramas e conquistas.

Bustos (2005) ainda observou que

A proposta de Moreno de *sharing* não se limita a uma necessária e fundamental etapa do psicodrama. Toda sua obra gira em torno de um tipo de convivência entre os seres humanos na qual se combatem a violência e a repressão. Nossa forma cotidiana de comunicação está infestada desse tipo de intenções. Opiniões não solicitadas, julgamento de valores e conselhos convertem-se em formas não dissimuladas de controle e subordinação do interlocutor. (p. 91)

Diante do exposto, constatamos a completude do compartilhamento e até mesmo podemos pensá-lo como produtor/promotor de saúde mental e prevenção de sofrimento se for conduzido adequadamente.

A partir do momento em que as pessoas se coloquem efetivamente em simetria com seus pares é que se poderia pensar em transformação social. Isso porque o compartilhamento extrapola a etapa de uma sessão psicodramática e adentra a vida dos sujeitos, afinal de contas, também há o compartilhamento nas relações simétricas de *cluster* três fora do *setting* psicoterápico, nas quais ocorrem ainda as dinâmicas de competição e rivalidade.

Ainda sobre essa última etapa da sessão, Holmes (1992, p. 33) observou que ela:

Possibilita também que aqueles membros do grupo que estejam muito mobilizados pelas representações do protagonista compartilhem com o grupo seus sentimentos e pensamentos intensos. . . . O compartilhamento aberto dessas questões dentro do grupo estimula e facilita o apoio, os cuidados e a compreensão entre seus membros.

Nesse cenário, depois de ter acompanhado todo o drama do protagonista diante de seus olhos em uma sessão em grupo e o que isso produz, é importante o outro poder expressar de que forma está se sentindo. Assim, identificação, projeção, evitação, negação, medo, raiva, cumplicidade e toda gama imaginável e inimaginável de sensações e sentimentos podem ser desencadeados/despertados por uma dramatização, por uma cena de um membro do grupo.

Com o compartilhamento, o protagonista tem a oportunidade de saber como sua história foi “lida” pelos outros integrantes do grupo e até mesmo que possa ter suscitado conteúdos “aparentemente” diferentes dos seus. Isso os aproxima, gera acolhimento e possibilita que ocorra uma perda saudável da exclusividade do sofrimento, em outros termos, diminui a solidão que faz sofrer.

É nessa etapa que tanto o protagonista quanto a plateia podem confirmar que não estão sozinhos, que não são os únicos a sentir aquilo. É nessa etapa que pode ocorrer o exercício da simetria do *cluster* três — o dividir com o outro, o aproximar-se do outro, o respeitar o outro e o cuidar do outro. É não precisar competir e nem rivalizar. É cuidar sendo cuidado.

Recorrendo mais uma vez a Bustos (1979, p. 19), temos que:

O psicodrama não se completa sem esta parte. Sem ela, o protagonista pode chegar a sentir-se muito exposto frente a pessoas que com ele não fazem o mesmo. Além deste motivo mencionado, o grupo também necessita a oportunidade de poder elaborar suas vivências.

Na visão de Duric (2005, p. 51),

O compartilhar consiste em dividir os sentimentos com o protagonista. Quando a ação psicodramática termina, os membros se sentam em círculo, comunicando ao protagonista o que seu drama suscitou neles. Falam de (seus) sentimentos e fatos de suas vidas. Compartilham suas experiências com as do protagonista e as do grupo.

Na atualidade, estamos vivendo um tempo em que o incentivo às manifestações de rivalidade e competição nas relações simétricas é exacerbado. Os homens estão sendo “moldados pela competição e pelo medo, pela oposição entre impotência e onipotência, crescemos vendo o outro um predador sempre à nossa espreita, pronto para abocanhar algo nosso muito precioso” (Dunker, 2019, p. 157).

Porém, no *cluster* três — momento em que estabelecemos relações igualitárias pela primeira vez — não nos deparamos apenas com as modalidades de rivalidade e de competição. Existe outra que parece estar cada vez mais difícil de ser manifestada e com um poder incrível: a modalidade de compartilhamento.

Enquanto nas duas manifestações anteriores a relação estabelecida com o outro envolve posturas e atitudes que visam à valoração — melhor/pior ou bom/mau, por exemplo — no compartilhamento, envolve o nivelamento, a igualdade. Não há graduações de sofrimentos ou conquistas. Há troca de vivências, aprendizados e ampliação de possibilidades, olhares e repertórios.

Quando se faz o compartilhamento, abre-se a possibilidade de o paciente sair do isolamento, da solidão esmagadora de uma disputa. Além disso,

Ser protagonista, na cultura da competição, é ocupar o centro das atenções, ter o microfone para si a ponto de levá-lo para casa. Mas ser protagonista na cultura da cooperação é ser, conforme a etimologia da palavra, aquele que, por conter em si o conflito, também o propaga e representa. Protagonista vem de *proto* (portador ou precursor) e *agon* (conflito). (Dunker, 2019, p. 155)

Ao se perceber parte integrante, similar e não mais isolado, o paciente pode confiar, dividir e receber do outro. Entretanto, essa perspectiva parece estar na contramão de tudo o que o mundo pós-moderno vem se distanciando: o compromisso com o coletivo, com o nós, com a união, com o juntos, com o estou com você, com o conte comigo.

Em tempos de tantas disputas por todo tipo de condição humana — sexo, religiosidade, política —, é urgente que a “pessoa”, o “ser humano”, venha antes de tudo. Não se trata de estar humano; não é um estado, e sim uma permanência.

Em outro ensinamento, Moreno (1975, p. 410) explicitou que

Cada indivíduo vive num mundo que lhe parece inteiramente privado e pessoal, em que ele assume um certo número de papéis privados. Mas os milhões de mundos privados se sobrepõem em grande parte. As porções maiores que se sobrepõem são, na verdade, elementos coletivos. Só as porções menores são íntimas e pessoais. Assim, todo e qualquer papel consiste numa fusão de elementos privados e coletivos. Todo papel tem duas faces, uma pessoal e outra coletiva.

O compartilhamento é um ato de humildade, de cuidado consigo e com o outro. É dividir uma preciosidade que pode ter sido só sua até aquele momento. É um momento em que o *eu* e o *tu* se tornam *nós*. É a empatia sendo manifestada no olhar para o outro com igualdade e respeito, e não como algo a ser superado ou eliminado.

Aguiar (1988, p. 101) complementa os ensinamentos de Moreno explanando que,

Para fechar o círculo, há a consolidação protagônica, na terceira fase da sessão, o compartilhamento. É como se a confissão das alegrias, angústias, descobertas, fantasias, emoções, etc., da plateia e dos coparticipantes do ato se constituísse numa túnica com a qual se cobre a nudez do protagonista. O que ele deu lhe é retribuído. Sua identidade é reafirmada.

Quando pensamos em um mundo competitivo, injusto e voraz no qual só o melhor vence, é realmente difícil considerar espaço para compartilhamento. Agora pensemos em um mundo sincero, cuidadoso, seguro, confiável que só é possível alcançar dividindo, compartilhando para multiplicar, replicar, repassar.

Na própria literatura psicodramática há poucos escritos sobre esse tema. Vitória Pamplona (2007) fez um levantamento a respeito que confirma tal escassez, que se mostra ainda maior quando se refere ao sintagma *compartilhamento do diretor*. Esta parece ser uma etapa da sessão sobre a qual ainda não se voltou a atenção, o que também não escapou à observação da autora: “A sensação de que à terceira etapa é dada menor importância aumenta ao consultar os livros de Psicodrama e encontrar bem menos escritos sobre ela do que o dedicado às outras etapas e outros tema” (Pamplona, p. 202).

Como mencionado até aqui, diferentemente de uma sessão em grupo, em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal não há plateia, por isso o compartilhamento que parte do diretor ocorre dentro do vínculo assimétrico, no qual o paciente pede ajuda e tratamento e o psicodramatista, como profissional capacitado, a oferece. O compartilhamento, nessa relação, promove uma proximidade em que ambos mostram suas vulnerabilidades. Mas são necessárias muitas ponderações nessas situações, pois corre-se o risco de promover misturas de papéis, de perder a escuta profissional terapêutica e de entrar em outro tipo de relação (de amizade, de coleguismo, amorosa) e de criar confusões dentro de um processo cotransferencial que comprometa a psicoterapia.

Outro fator necessário de análise é verificar a serviço de que ou de quem o compartilhamento do diretor ocorre e para quê, sempre visando a cuidar da relação psicoterapêutica e para mantê-la, uma vez que não existe fórmula para quando, o quê ou quanto o diretor pode compartilhar com o paciente. Há apenas relação e muitas ponderações. Por isso, estamos nos debruçando sobre o compartilhamento do psicodramatista neste estudo.

Na literatura psicodramática, alguns autores ressaltam o cuidado que o diretor precisa ter ao fazer seu compartilhamento. Como muito bem nos lembrou Rosa Cukier (1992, p. 114): “O terapeuta tem que sempre avaliar se o seu *sharing* está a serviço dele mesmo ou do paciente”.

Na visão de Bustos (1990, p. 214),

O terapeuta pode ou não compartilhar suas experiências pessoais. Depende da margem de segurança e da disponibilidade sincera para fazê-lo. Mas o que não se pode deixar de fazer é sentir suas experiências em um grau de disponibilidade que lhe permita compreender empaticamente o sofrimento do outro.

No mais, encontramos poucos registros a respeito da importância e dos efeitos que o compartilhamento do diretor gera para o paciente.

Ainda que seja fundamentalmente uma das etapas da sessão de Psicodrama grupal, também ocorre na sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, sendo um momento reflexivo — que permite ao paciente lançar um olhar para os personagens descritos e os sentimentos vividos — elaborativo e de acomodação.

No cenário individual bipessoal parecemos estar sob o jugo da distância terapêutica psicanalítica. Nada mais antipsicodramático que isso. Moreno mesmo argumentou, como mencionamos anteriormente, que o homem adocece e se cura nas relações; o que leva a conceber que o atendimento bipessoal, além de ser uma sessão, também é uma relação.

Na Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal há apenas o paciente e o psicodramatista — que acumula as funções de diretor e de ego na sessão; os modelos com egos-

auxiliares são pouco praticados —, logo não há alternativas para compartilhamento. Nem por isso essa etapa deve ser negligenciada nem tão pouco exagerada. O diretor não pode e nem deve fazer compartilhamentos a cada sessão, o que denunciaria muito mais sua necessidade de falar, de fazer a própria psicoterapia, do que uma contribuição para o paciente.

Precisamos, como profissionais do cuidado, cuidar de nós mesmos, por isso a psicoterapia, a supervisão e o estudo. Servimos de modelo e de inspiração para os pacientes que atendemos mesmo sem saber. Além do mais, em um mundo tão líquido, instantâneo, narcisista e rivalizante, precisamos mostrar formas saudáveis de viver. Isso não implica perfeição, síndrome de Deus ou algo parecido. Implica se mostrar humano, com mazelas e conquistas, e não um ser inatingível e sem emoções.

Há tempos, Jung expressou que as teorias são importantes, mas que, ao estar com o outro, precisamos nos lembrar de que são duas almas humanas que se tocam; tal pensamento vai ao encontro dos pressupostos morenianos. Um compartilhamento adequado promove isso.

Para Perazzo (1999, p. 126), “a permeabilidade a todo e qualquer sentimento, sensação e emoção humanos é o que dá o tom que estrutura a qualidade daquilo que chamamos compartilhar”. Por essa passagem de Perazzo, refletimos sobre como estamos interligados, conectados e como a exclusividade de uma dor ou de uma alegria pode ser dividida e multiplicada e minimizada para ser suportada, ou maximizada para poder ser expandida.

A teoria dos papéis e a dos *clusters* nos ajudam a entender que, em certas relações, se pode assumir uma postura promotora de autonomia, que remete ao *cluster* dois, e, em outras, uma de acolhimento, que remete ao *cluster* um. Contudo, para que isso ocorra, é necessário o contrapapel que complementa a relação. Em tempo, “como” tal papel, seja materno, seja paterno, seja fraterno, será desempenhado está ligado a “como” ele foi vivido pelo paciente em sua história de vida.

Nessa mesma direção, o compartilhamento que o diretor faz com o paciente relaciona-se com as experiências que o próprio diretor teve em sua história, por isso que o cuidado, além da ética, é tão necessário. Em outras palavras, o conteúdo compartilhado pode engatar nas referências de competitividade e rivalidade do diretor e deixar de ser um compartilhamento para se tornar o desabafo de um psicodramatista que precisa de psicoterapia, o que sem dúvida não traria benefícios para o paciente.

Tal contexto indica que, quando o diretor divide uma vivência a partir do lugar de rivalidade ou de competitividade, ela não é adequada ao processo do paciente. Isso porque, na relação terapêutica, ainda que estejam compartilhando na esfera do *cluster* três, o foco é o paciente, e não o psicodramatista.



Quando o psicodramatista estiver “precisando” compartilhar, observamos um sinal de processo cotransferencial em que ele sente a necessidade de falar dele, retirando-se da escuta terapêutica. Nesse caso, ele precisa realizar a própria psicoterapia, tão importante e por vezes tão negligenciada pelos profissionais da área.

No Psicodrama, o compartilhamento do diretor em determinados momentos é uma via também terapêutica e uma de suas funções é a saída do lugar assimétrico da relação psicodramatista/paciente para momentos de simetria. Nesse caso, pode-se dizer que ambos vivem temporariamente o *cluster* três, ou fraternal. Esse momento é bem-visto para aproximar os envolvidos desde que não seja frequente e contínuo, desde que não seja para atender a necessidades do psicodramatista, desde que não gere confusão no paciente.

Como a plateia está ausente nessa modalidade, o protagonista/paciente pode se sentir muito só, isolado, como se tal vivência fosse uma exclusividade sua e isso agravar ainda mais seu estado. Ainda, depois de um protagonismo, faz-se necessário um momento integrativo que una e repositone os envolvidos. Que faça uma inter-relação entre o mundo privativo e o social.

Essa etapa da sessão aproxima e iguala os envolvidos ao levar em consideração que todos têm a contribuir, todos têm uma história, todos sabem e não sabem. O psicodramatista, então, sai do lugar de um suposto saber, que a tudo responde e que com nada se abala. Um choro sincero, um aplauso vibrante e até um palavrão bem empregado expressam a humanidade do psicodramatista e permitem a entrega e confiança de quem está no papel complementar, pois permitem vislumbrar que há um ser humano diante de si. O ato de compartilhar vem do coração, é sentimento, não é racionalização ou teorização. Precisa ser espontâneo e criativo mas também sensível e sensato.

Afinal de contas, como asseverou Holmes (1998, p. 104), “todos nós temos problemas humanos”.

## 4 A PESQUISA E SUA METODOLOGIA

Falar sobre metodologia é falar sobre o percurso que foi transcrito nesta pesquisa. Como definido por Bernardes (2017), “metodologia significa metodo+logia, ou seja, o estudo do método. Método = caminho. Então significa estudar o caminho utilizado para a pesquisa e intervenção” (p. 114).

Nesse sentido, a forma de conceber pesquisa é aquela na qual não se busca chegar a um determinado lugar específico, pois o foco está mais naquilo que acontece pelo caminho do que no destino final. O pesquisador-psicodramatista, nesse caso, atenta mais para as possibilidades do novo/inédito e do diferente que podem ocorrer e muito menos para algo estabelecido a ser atingido.

São inúmeros os caminhos que podem ser percorridos quando da realização de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Nesta monografia, optamos pelo caminho do estudo de caso, correlacionando-o ao conceito psicodramático de compartilhamento.

Para seu desenvolvimento, fizemos um recorte desse caso e, a partir dele, discutimos os efeitos do compartilhamento do psicodramatista para o paciente, que ocorreu em um atendimento Psicoterapêutico Psicodramático Individual Bipessoal.

Em Cukier (2002, p. 51), encontramos pressupostos que também nos aproximam do pensamento de Moreno sobre a ciência e o cientista:

A espontaneidade poderia ser testada e mensurada uma atmosfera isenta dos abusos de mediocridade, e a religião havia encontrado um novo campo de testes para seus dogmas. Criado que fui num ambiente científico, comecei a desenvolver hipóteses, procedimentos através dos quais mensurar a espontaneidade. Tudo isto foi realizado não como uma ciência em seu próprio benefício, mas como passo suplementar e preliminar a um teatro da espontaneidade que abrisse suas portas ao adorador do gênio criativo e imediato.

Pesquisar a espontaneidade-criatividade ou seu desenvolvimento como Moreno propôs é estar dentro de uma ciência do humano, existencial e lhe dar valor.

Bernardes (2017) nos auxiliou quando posicionou o Psicodrama dentro da perspectiva humanista, voluntarista e subjetiva. Conforme ela mesma indicou, as pesquisas científicas podem ser classificadas de acordo com diferentes critérios, os quais usarei para situar este estudo.

Considerando o tipo de abordagem, optamos pela pesquisa qualitativa a fim de entender o que ocorre nas intervenções feitas na paciente, as ações envolvidas e seus efeitos. Nesse

contexto, o foco não está na métrica do fenômeno, mas no olhar para o que há de subjetivo e singular nele.

Com o objetivo de produzir conhecimentos que possam ser aplicados efetivamente, propomos uma pesquisa aplicada do tipo científica, de finalidade explicativa, tendo como método empregado o fenomenológico, que parte das experiências, e como meio utilizado o estudo de caso, que possibilita o aprofundamento da pesquisa em um caso específico.

Ao adotarmos a pesquisa-ação, precisamos retomar seu precursor, Kurt Lewin, que, mesmo sofrendo na guerra por causa de sua origem judaica, desenvolveu seus estudos tanto no âmbito da sociedade como no de uma análise mais específica. Desse modo, apoiados em sua metodologia, podemos analisar fenômenos das ciências sociais que exijam entendimentos para além dos dados estatísticos e mensuráveis das demais ciências.

Segundo Melo (2016),

Ao propor a pesquisa-ação, Lewin ousou não apenas estudar o problema *in loco*, mas participar do problema. Conviver com a dor dos sujeitos para compreender clinicamente o seu problema. Observar, descrever, analisar e devolver a escuta na busca do conhecimento. (p. 154)

Essa breve explicação sobre a natureza da pesquisa-ação encontra aderência ao cenário psicodramático e, por isso, a adotamos neste estudo.

Referência no Psicodrama, entre outros feitos, Moreno criou a Sociometria para medir, por meio de criteriosas ferramentas, as relações estabelecidas entre as pessoas. Assim ele mesmo caracterizou a estruturação dessa área do saber:

Esta exceção ao hábito intelectual de sobriedade pode ser particularmente desculpável em virtude do modo como se desenvolveu o psicodrama. Não foi uma obra escrita que o introduziu (coisa que só secundariamente ocorreu), nem um bando de escritores, colaboradores e protagonistas, mas as repetidas apresentações públicas. (Moreno, 1975, p. 50)

O pesquisador Moreno envolveu-se nos experimentos que fez em toda a sua trajetória e considerou a participação de todos nos resultados. Ou seja, para ele, pesquisador e pesquisado não estão distantes, o pesquisador não é neutro, intocável. Vemos aqui a premissa básica postulada por Lewin, a quem Moreno também modelou.

Amato (2002, p. 19), por sua vez, discutiu a formação do psicodramatista com uma reflexão pertinente:

A proposta moreniana está ancorada no encontro, na relação com todas as suas limitações e verdades. Sendo assim, não é possível pensar em uma formação de psicodramatista na qual não se estabeleça o treino, a pesquisa, a proximidade, o *sharing*, as vivências, o crescimento deste grupo dentro de seu espaço, o qual é o próprio instrumento das vivências pessoais e coletivas.

Essas referências a Moreno (1975) e a Amato (2002) servem para olharmos como o Psicodrama permite uma pesquisa-ação pelos pressupostos que o fundamentam e também como viabilizam sua adoção neste estudo.

Contro (2009), referindo-se aos autores Thiollent (1985), Barbier (1985) e El Andaloussi (2004), ratificou que a pesquisa-ação tem como objetivo a transformação social e a produção de conhecimento. Sendo assim, o pesquisador se envolve e se distancia, assim como se implica e analisa. O saber é resultante de uma coprodução, e as generalizações perdem a intensidade "em função da peculiaridade dos espaços pesquisados" (Contro, p. 15).

Pensar sobre pesquisa é ter em mente que a proximidade é tão necessária quanto o distanciamento. É a proximidade que permite visualizar o objeto de estudo e dele se apropriar, e é o distanciamento que permite questioná-lo, analisá-lo e entendê-lo.

Ao fazer um atendimento clínico, o psicodramatista está pesquisando aquele sujeito e também o ajudando a construir e a criar respostas novas, a resgatar sua espontaneidade-criatividade (Wechsler, 1997).

Para finalizar, Bernardes (2017) sintetizou o conceito de pesquisa-ação quando nos esclareceu que os fenômenos da pesquisa e da intervenção são simultâneos, assim como também são simultâneos o estudo e o trabalho.

Essa é a proposta moreniana, somos seres em relação.

Por fim, complementamos o estudo de caso com a realização e análise de entrevistas sobre o compartilhamento no atendimento bipessoal feitas a psicodramatistas com mais de 25 anos de atuação e notória prática no movimento psicodramático nacional.

## 5 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM PSICODRAMATISTAS SOBRE O COMPARTILHAMENTO EM SESSÃO

Tendo em vista a exígua literatura sobre o compartilhamento do psicodramatista em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, realizamos uma entrevista com psicodramatistas a fim de entender como esse fenômeno opera na prática, no aqui-agora de uma sessão.

Recorremos a quatro reconhecidos psicodramatistas com mais de 25 anos de experiência no cenário dos atendimentos clínicos e na produção científica psicodramática. A eles encaminhamos, por meio de aplicativo *online* de mensagens, um questionário com as seguintes perguntas:

1. Você considera necessário que o psicodramatista compartilhe com seu paciente?
2. Qual a importância desse compartilhamento?
3. Quais critérios você utiliza para fazer um compartilhamento?

A partir das respostas, observamos alguns pontos de confluência entre os profissionais, como (1) a importância de um vínculo estabelecido; (2) a atenção ao momento do processo psicoterapêutico do paciente e a sua dinâmica de funcionamento; e (3) a intuição e sensibilidade do psicodramatista. Tais pontos auxiliam a decisão de realizar o compartilhamento e diminuem os riscos de equívocos, confusões de papéis e até má interpretação por parte do paciente. Outro aspecto observado nas respostas foi de que (4) a assimetria da relação se altera com o compartilhamento do psicodramatista gerando proximidade e evidenciando a empatia e o caráter humano de todos os envolvidos na cena. Em adição, possibilita que o paciente se veja imerso na humanidade da vida, sem a solidão do sofrimento até então concebido como exclusivo por ele.

Quanto aos critérios usados para a realização de um compartilhamento, houve unanimidade em relação ao cuidado que precisam ter para que o paciente não saia de seu lugar protagônico, que não seja estimulada uma competição ou que gere desvalorização/desqualificação da história do paciente.

Três dos quatro entrevistados confirmaram realizar compartilhamentos de assuntos privados em sessões de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, considerando os critérios anteriormente citados, e apenas um mencionou que procura citar mais aspectos de seus papéis sociais do que os de seus papéis pessoais: “Costumo compartilhar questões de ordem pública, nas quais o papel de cidadão está implicado.” (Entrevistado B).

Nas entrevistas, ficou evidente que: (a) o compartilhamento do psicodramatista precisa estar a serviço do paciente; (b) não pode atender às demandas do psicodramatista; (c) precisa estar coerente com o tema abordado; e (d) não pode tirar o protagonismo do paciente em sua própria psicoterapia, conforme explicitou o Entrevistado A: “O compartilhar tem que ser adequado e nunca uma exposição íntima por necessidade narcísica do terapeuta”.

Além dessa investigação com psicodramatistas, também buscamos averiguar como tal fenômeno ocorre em outras abordagens psicológicas entrevistando colegas profissionais que atuam com abordagens fenomenológicas e existenciais, com epistemologias mais próximas a do Psicodrama, a saber: Gestalt, Terapia Centrada na Pessoa, Teoria do Esquema e Terapia Cognitivo Comportamental. Como resultado, todos os entrevistados mencionaram que quando dividem algo pessoal com seus pacientes o fazem a serviço dele, pensando nele. Nunca para que o psicólogo possa expressar algo, e sim para que contribua com o paciente.

Reiteramos que as buscas nos portais científicos “SciELO” e “Revista Brasileira de Psicodrama” resultaram exíguas a respeito do compartilhamento na abordagem Psicoterapêutica Psicodramática Individual Bipessoal e que não encontramos impeditivos para que esse fenômeno ocorra. Contudo, as indicações são de que sejam compartilhamentos breves e que sempre busquem contribuir com o paciente sem configurar um espaço de desabafo ou de vaidade do psicodramatista.

## 6 ESTUDO DE CASO E SEU PROCESSAMENTO TEÓRICO

*“Eu  
Para olhar sua alma  
Visitei a minha  
Por vezes e vezes  
Para olhar  
Olho com os olhos  
Da minha alma  
A teoria me veste  
Para te ver  
Me dispo  
Cada vez  
Saio outro  
Dançamos juntos  
Tu me vê  
No seu palco  
Ao seu lado  
Cada lágrima sua  
Lava as minhas”*

(Amato, 2002, p. 194)

Esse lindo poema de Amato expressa o que acontece no *setting* terapêutico e como o compartilhamento está presente o tempo todo e não apenas em um determinado momento da sessão, como muito bem expôs Perazzo (1999). Quando estamos em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, esse intercâmbio de sensações, sentimentos, emoções e vivências fica ainda mais evidente pela própria configuração de uma relação em díade.

Ao realizar atendimentos em Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, é importante que o psicodramatista mantenha em seu radar a reflexão de Nery (2014, p. 36):

Nós, terapeutas, e nossos clientes pertencemos ao grupo dos seres humanos, o qual nos fornece uma identidade especial e nos permite identificarmo-nos porque vivemos processos vinculares semelhantes em qualquer parte do planeta. Nesse sentido, centralizamos o olhar sobre a história do cliente, compreendendo que ela, em vários níveis, reflete a nossa história, na medida

em que há a relativa singularidade dos fatos e a universalidade dos sentimentos.

Para fundamentar o efeito que o compartilhamento do psicodramatista exerce na vida dos pacientes, apresentamos um caso clínico em Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal conduzido por mim, pesquisadora deste estudo.

As sessões desse caso clínico estão em andamento e ocorrem semanalmente, tendo duração de 50 minutos. Inicialmente eram feitas na modalidade presencial, mas desde o início da pandemia do *coronavírus*, em março de 2020, passaram a ocorrer na modalidade *online*. O registro diário é feito posteriormente às sessões.

A paciente, doravante designada G, é uma mulher *cis*, de aproximadamente 30 anos, natural da região Sul do Brasil, doutoranda, fez um intercâmbio fora do país, atua na área de saúde mental e está em um relacionamento estável há quase seis anos.

G buscou a psicoterapia por indicação de uma amiga, que já era minha paciente, a fim de lidar com sua ansiedade e também para desenvolver estratégias que a ajudassem a superar as dificuldades relacionadas com seu posicionamento diante das mais variadas demandas, especialmente com sua forma de expressar opiniões, sentimentos.

Na primeira sessão, disse que sabia que “devia ter vindo antes (*sic*)” (G, estudante, 2019). Respondi a ela “que veio no seu tempo, veio quando pôde (*sic*)”. Com aquela fala, ela indicou um pequeno prenúncio de que pudesse ser uma pessoa que se cobrava muito e que não conseguia perceber suas potencialidades. Ao ter declarado uma fala de cobrança — *devia* — que, no decorrer dos atendimentos, foi se tornando frequente nos mais variados papéis que desempenha, também indicou uma lógica afetiva de conduta de ter que dar conta para se sentir amada e de um personagem interno exigente e de muita cobrança.

Minha percepção se confirmou ao longo dos atendimentos. Ainda em sua primeira sessão, citou que costumava ter pensamentos catastróficos, olhando as situações da vida privilegiando o que lhe faltava e não o que a realizava — mais um dado importante para a hipótese que eu havia levantado. G tem dificuldades com o autocuidado (postergou a psicoterapia, por exemplo) e é muito preocupada com o julgamento alheio. Também mencionou dúvidas quanto à maternidade e quanto à carreira profissional, suscitadas com a proximidade do fim do doutorado.

Há indicativos de pouco reconhecimento do *eu*, o que sugere que estaria em uma fase mais regredida da matriz de identidade — fazendo o processo de identidade do *eu*, buscando a saída da simbiose e tentando mudar sua relação com os personagens rígidos com fortes conservas culturais. O outro ocupa o lugar de quem direciona, de quem orienta, de quem traduz



o mundo estabelecendo uma relação assimétrica mesmo em vínculos que são de igualdade. Seus pensamentos catastróficos e antecipatórios permeiam uma dinâmica ansiosa, que precisa de respostas e certezas para se sentir segura.

Com aproximadamente três meses de atendimentos semanais, ocorre uma das sessões que serve de análise e discussão neste estudo. Ela chegou bem sensibilizada depois de um final de semana na casa dos pais. Frustrada porque a estada não tinha sido como gostaria e se culpando, cobrando porque não falara com a mãe tudo o que gostaria de ter falado.

Para pensar sobre o desencanto de G com aquela situação, nos apoiamos em Fox (2002), que expôs um olhar sobre a busca por constância e a frequente oscilação de se estar:

Praticamente falando, não há esfera imaginável do universo, seja social, mental, físico ou cultural, da qual não possa emergir, uma vez ou outra, alguma causa de desequilíbrio na vida de uma pessoa. É quase um milagre que alguém consiga alcançar e manter qualquer grau de equilíbrio. O homem vive o tempo todo em busca de recursos que o habilitem a atingir ou ampliar seu equilíbrio. (p. 96)

No sentimento de frustração que G apresentou, percebemos a manifestação da autocobrança e da autoexigência: aquilo que fora vivido e experienciado durante a viagem para a casa dos pais não fora suficiente, não fora adequado, ainda tinha ficado em falta, não fizera o que deveria ter sido feito que, segundo sua lógica interna, seria ter falado com a mãe sobre mais temas do que os que tinham sido possíveis. Podemos pensar que, em uma dinâmica assim, o outro, seja ele uma pessoa, seja uma situação, acaba não sendo levado em consideração, o âmbito relacional fica relegado ao que é exigido que seja feito. A realidade da vida fica suspensa para que seja alcançado um objetivo pré-definido para o momento. O que também reflete um embotamento e uma redução da criatividade-espontaneidade para lidar com o mundo.

Ao longo dos atendimentos e com o emprego de técnicas psicodramáticas, como a tomada e inversão de papel, fui identificando que G tem um personagem interno que é um “general”, assim por ela nomeado. Autoritário, incisivo, rude e extremamente rígido, não acolhe sentimentos, exige respostas e certezas, sempre insatisfeito com o que G pensa, faz ou sente. Tal personagem aparece com frequência mesmo em momentos em que tenha buscado ser e até tenha conseguido ser mais espontânea. Podemos perceber que foi isso o que aconteceu na volta da viagem da casa de seus pais. O “general” estava frustrado e insatisfeito, o que gerou insegurança em G, que minimamente esteve conectada no aqui e agora do seu mundo interno e não falou ou fez “tudo o que devia ter feito” (*sic*) (G, estudante, 2019) na viagem.

Dunker (2019, p. 47) pondera que o trabalho como psicodramatista envolve auxiliar o paciente para que este encontre um equilíbrio entre se levar a sério a fim de gerar a implicação,

a autorresponsabilidade e o autocuidado e trazer leveza para diminuir a idealização e a autoexigência, que geram posturas rígidas e cristalizadas privadas de espontaneidade e criatividade.

Tendo uma necessidade de segurança e previsibilidade, acaba por alimentar sua dinâmica ansiosa de antecipação e de controle, visto que seu olhar para o mundo está permeado pela catastrofização e por pouquíssima atuação do *cluster* dois, promotor de validação e confirmação de seu *eu*.

Em termos de lógicas afetivas de conduta que vigoram na história de G, podemos apurar algumas, a saber: (a) fazer o que é esperado pelo outro para ser aceita; (b) ter a resposta certa para ser reconhecida; (c) não poder errar porque isso traz riscos. Essas lógicas afetivas de conduta trazem sofrimentos para a paciente.

Nessa sessão, fiz o acolhimento de sua queixa assumindo a função de *cluster* um e lhe oferecendo cuidado. Em seguida, abordei a questão extremista de que “tem de ser/ter tudo” falando: “Tudo bem também não ter falado (*sic*)” e completei que tinha confiado na percepção dela de que não coubera falar. Naquele momento, assumi o *cluster* dois para promover confirmação e estimular a autonomia.

Então G fez a leitura de pequenos textos que tinha escrito a partir de sentimentos despertados e, em um deles, falou sobre carregar as dores do mundo, o que a deixou bem emocionada na sessão.

Utilizar a escrita é uma forma de concretizar os sentimentos e as sensações, uma tarefa que ajuda G a se reconhecer e a se perceber nas cenas da vida. Quando carrega as dores do mundo, fica em uma posição estanque, passiva, conservada que bloqueia sua capacidade de criar, de lidar de outras formas. Ou seja, sua espontaneidade fica bloqueada por essa conserva cultural de carregar as dores do mundo em troca de algum alimento emocional que sua lógica afetiva esteja precisando.

Relacionei sua sensibilidade e ressaltéi o reconhecimento do eu e do outro para decidir o que e com quem dividir seus conteúdos. Isso porque havia se queixado também de uma falta de acolhimento por parte do companheiro.

Notamos a iniciativa de G se diferenciar do outro e conseqüentemente um princípio de estabelecimento do “eu” que decide o que falar, com quem falar. Um “eu” que escolhe e não mais obedece o que “tem de”. Esse movimento de diferenciação do que é meu do que é do outro se refere a uma fase da matriz de identidade denominada “reconhecimento do eu” que ocorre em paralelo com o “reconhecimento do tu”. Tal dinâmica não é um processo paralisado ou uma etapa a ser concluída. De fato, fazemos isso todo o tempo no aqui e agora das nossas

relações pela presença de um eu e de um outro. Momentos como esse são profundamente estimulados e destacados ao longo do processo de psicoterapia da G quando assumo o *cluster* dois oferecendo-lhe confirmação e validação.

Considerando que G mora longe da família atualmente e que iniciou sua sessão mobilizada pela visita feita no fim de semana e por já ter trazido a dificuldade e o sofrimento que tal cenário lhe causara, pensei que, como também moro longe de casa, dividir isso com ela poderia contribuir de alguma forma.

Esse pensamento me fez lembrar do texto “O alto preço de viver longe de casa” (ver Anexo A). A partir dele, formulei a hipótese de que serviria como objeto intermediário para ajudar a paciente a acessar outros sentimentos e sensações e a conceber uma noção de pertencimento, uma vez que faz alusão a inúmeras pessoas em condição semelhante à dela.

A definição de objeto intermediário foi cunhada por Rojas-Bermudez (2022) nos idos da década de 1960, quando trabalhou intensamente a psicoterapia psicodramática com psicóticos reclusos no *Hospital Nacional J. T. Borda*, de Buenos Aires. A intenção de seu trabalho tinha sido restabelecer uma comunicação com os sujeitos havia muito tempo institucionalizados. Rojas-Bermudez identificou que, com o uso de fantoches, os sujeitos conseguiam expressar sentimentos e emoções.

Ao longo dos anos, estudiosos passaram a conceber que o objeto intermediário representaria todo objeto — palpável ou não — que facilitasse a expressão do sujeito, tirando-o do “em si mesmo”.

O objeto intermediário não palpável — o texto — pode ser compreendido como um conteúdo coinconsciente que se tornou coconsciente no momento em que fiz sua leitura para a paciente. Coinconsciente porque ambas moramos longe da cidade de origem, e essa informação, que obtive nas entrevistas iniciais, de algum modo se estabeleceu entre nós, na relação, e se manifestou quando, no papel de psicodramatista, escolhi o texto e o tornei coconsciente. Não é um simples texto, pelo menos não para mim. Ele me toca e me emociona profundamente porque também sou uma pessoa que mora longe de casa. Como já sei que me emociona, e buscando separar os papéis, deixei G, como protagonista que é, em sua sessão. Antes de iniciar a leitura, fiz um breve compartilhamento: citei que também morava longe de casa e que tal texto tinha a força de sempre me emocionar.

Considerando que em todas as relações há conteúdos coconscientes e coinconscientes, a decisão de escolher tal texto e de explicitar minha história de vida, minha forma de lidar com a distância e os efeitos que o texto provoca em mim pode ser entendida como um conteúdo exclusivo dessa relação, cocriado nesse vínculo, nesse momento histórico.

Nesse ponto, observamos uma manifestação de coinconsciente, um conteúdo comum a nós duas que foi construído nessa relação, e que conduziu minha escolha por tal recurso de intervenção em detrimento de tantos outros que poderiam ter sido utilizados. Para entender um pouco esse fenômeno, recorro a Nery (2014, p. 165), quando esta lançou luz à particularidade da relação psicoterapêutica dizendo:

O vínculo cliente/terapeuta, à proporção que seu coconsciente e seu coinconsciente são estabelecidos, terá uma dinâmica também única e singular. A intersubjetividade reconduz a personalidade do terapeuta como o motor do processo psicoterapêutico quando ele instiga a espontaneidade-criatividade do cliente a partir da sua.

Como não podia ter sido diferente, durante a leitura, emocionei-me e ela também. Finalizei-a com as perguntas clássicas de “como foi”, “como você está”, “o que sentiu”.

Ela olhou para mim e me perguntou se poderia me dar um abraço. Aceitei-o prontamente, uma vez que tal pedido não me causaria qualquer desconforto nem identifiquei motivos para negá-lo.

Depois do abraço, busquei entender o que a tinha motivado indagando-lhe sobre a questão. E ela respondeu: “Eu senti vontade de fazer. Não quis mais ficar ruminando/pensando e não fazer o que tenho vontade. Por isso te perguntei e te abracei. E porque vi que tem identificação (*sic*)” (G, estudante, 2019).

Naquele momento, G comportou-se de uma forma nova, com espontaneidade e criatividade diante da emoção do outro. Sem buscar por aquilo que “devia” fazer, mas expressando sua sensibilidade diante da emoção do outro de maneira adequada e coerente com a cena que estava acontecendo. Também houve um rompimento com uma de suas conservas culturais: de que ela só poderia se expressar se tivesse a resposta certa.

Na ação, na fala e na elaboração da paciente, podemos constatar a força que o compartilhamento da psicodramatista teve para ela. Soma-se a isso a resposta nova para uma situação antiga — no caso dela, pensar muito e não agir de acordo com sua vontade e desejo, confiando em sua percepção —, que é justamente o foco da atuação dos psicodramatistas, acontecendo *in loco*, no aqui e agora da sessão. Na sequência, valorizei aquela ação e enfatizei a possibilidade de que ela pudesse replicar tal espontaneidade em outras relações e em outros papéis tendo essa vivência ocorrida na sessão como registro do que “pode”, e não do que “deve” fazer em sua vida.

É exatamente isso que a teoria de *clusters* significa quando menciona que os papéis são entendidos como pertencentes a um cacho e que aquilo que acontece em um dos papéis pode ser ampliado para os demais papéis do sujeito. Essa cena trabalhou as lógicas afetivas de

conduta anteriormente citadas e possibilitou à paciente experimentar uma nova possibilidade de estar no mundo. Não se deixando bloquear pelo medo de não agradar ou pela exigência de ter a resposta certa, G se observa, se escuta e age. Enxerga o outro, enxerga a psicoterapeuta, checa a disponibilidade dela para a ação que pretende fazer e age. Tudo muito rápido, tudo muito espontâneo, tudo com sentimento e sem permitir que o excesso de pensamentos e julgamentos construam o entrave que está acostumada a vivenciar e que lhe gera arrependimentos e sofrimentos posteriores.

Percebemos que está claro para ela qual a função do compartilhamento da diretora quando disse: “Está sendo muito bom pra eu ver que é possível, que tem alternativas. Não sou só eu. Isso me dá força para fazer diferente” (*sic*) (G, estudante, 2019).

No momento do compartilhamento, a relação se tornou simétrica e juntas desempenhamos o *cluster* três, dividindo experiências. Somos duas mulheres, duas humanas, duas histórias com similaridades e diferenças, duas subjetividades que se unem e se interpenetram promovendo mudanças em ambas.

Também destaquei que o texto discutia a coragem de fazer o que ela estava fazendo e resaltei sua força. Mais uma vez retomando a condução fundamentada em *cluster* dois.

Outra queixa apontada por ela era pensar muito sobre tudo ou ter muito receio de fazer o que pensava porque não teria como saber previamente quais os efeitos e resultados daquela ação. Também se preocupava com o que os outros iriam pensar de suas atitudes.

Podemos perceber ainda que sua espontaneidade-criatividade está embotada e se mantém balizada por conservas culturais. Por exemplo, nos momentos em que pode se colocar no mundo, tem por conduta repetida “pensar na melhor forma de fazer”, o que nos faz pensar em uma lógica afetiva que evita desagradar, que busca aceitação, tendo pouca confirmação e validação do outro. Ainda, quando ela viu que sua psicodramatista estava emocionada, e por saber de antemão que tínhamos uma condição comum, que era o fato de morarmos “longe de casa”, ela declarou que não se sentia sozinha.

Nery (2014) esclareceu que “o êxito dos processos psicoterápicos ou sociátricos dependerá do ‘desafio’ do encontro de personalidades ou das aprendizagens emocionais dos indivíduos, num contexto e em papéis sociais específicos” (p. 37).

Meu compartilhamento na sessão foi breve e centrado nela, com o intuito de que ela notasse que aquela vivência também ocorria com outras pessoas, o que obviamente ela sabia no âmbito racional. Contudo, ao passar pelo crivo do sentimento, pode haver o registro de que a forma como se vivencia sua história é exclusiva sem ser solitária.

Houve empatia, houve separação dos papéis psicodramatista e paciente e houve o reconhecimento do eu e do tu da matriz de identidade — ambas atuaram para que pudessem estar no *cluster* três no âmbito de compartilhamento, com simetria, porém com atenção e respeito pelo protagonismo da paciente.

No vínculo psicoterapêutico, os papéis mais fortemente desempenhados pelo psicodramatista são de *cluster* um — cuidado — e *cluster* dois — validação —, ambos com assimetria e facilidade de distinguir eu e tu. Em adição, quando o psicodramatista atua em *cluster* três, há o risco de se misturar os papéis, por isso é necessário ter cautela e se aproximar do paciente pela similaridade do sofrer sem sobrepor a dor dele com a do diretor.

Considerando que o espaço psicoterapêutico é um microcosmo da vida do paciente, o que ali acontece é tanto um recorte do que é vivido fora dali quanto pode ser transposto para além dali. Por isso, ao me oferecer um abraço arrematado com a fala de que não queria ficar apenas pensando, temos no aqui e agora da sessão uma resposta nova que pode ser repetida em diferentes papéis fora da sessão.

Nas sessões que se sucederam, G compartilhou que tivera conversas, e não mais brigas, com o companheiro; que tinha passado a expressar o que sentia tanto para ele quanto para outras pessoas sem tanto enrijecimento ou preocupação apenas com os sentimentos do outro e anulando os seus, como era seu modo habitual; e fora buscar cuidados de outros profissionais, como a fisioterapia, por exemplo.

A paciente relatou ainda que, quando criança, tinha recebido cuidados tanto da família nuclear (seus pais) quanto da família estendida (avós e tios). Manifestação de *cluster* um de forma até exagerada e que pôde ser constatada em sua fala quando disse: “todo mundo cuidava muito de mim, não deixavam que eu caísse ou ralasse o joelho, tinha sempre alguém cuidando de mim (*sic*)” (G, estudante, 2019).

Diante do exposto, atentamos para o fato de que esse cuidado que não promove autonomia é um cuidado que alimenta o medo e a falta de recursos para lidar com os “tombos” da vida, que não devem ser enfrentados e sim evitados. Com efeito, esses entendimentos fundamentaram a necessidade de controle e a ansiedade diante do desconhecido de G, que precisa ter respostas e certezas de forma antecipada. O que também fundamenta a postura da paciente de estar sempre pensando em ter a “melhor resposta” para tudo. Não há muito espaço para experimentar a vida, sentir as situações e aprender com elas. É como se houvesse um crivo, um *script* já definido para tudo o que vai acontecer.

Toda essa dinâmica embota a espontaneidade e gera um sujeito tenso, rígido e estanque. O trabalho psicoterapêutico precisa vislumbrar o resgate da espontaneidade-criatividade, uma forma leve e autêntica de estar no mundo, com confiança em seus próprios recursos.

Em adição, muito do trabalho psicoterapêutico visa a promover o aumento do repertório do paciente, buscando no cenário protegido do “como se” psicodramático que ele possa experimentar novas possibilidades, alternativas diferentes, olhar para o mesmo fenômeno de outros ângulos, de perto, de longe, de cima, de baixo, sem julgamentos e questionando a existência pré-definida de uma única possibilidade de ação.

Como G possui uma lógica afetiva de conduta que guia suas atitudes e seus comportamentos em uma busca por aceitação, aprovação, confirmação, tal comportamento nos levar a refletir sobre a falta ou pouca presença de atuação no *cluster* dois, visto a preocupação e o zelo que toda a família teve com ela com objetivo de evitar seu sofrimento.

Esse padrão também é um norteador das intervenções psicoterapêuticas, no sentido de fornecer confirmações externas e internas diante das escolhas e das vivências de sua vida no aqui e agora. Assim, a necessidade de pensar, a ruminação e a busca por uma resposta adequada são indicativos de uma dinâmica ansiosa que busca ter o controle e limita a resposta espontânea, gerando tensão e sofrimento. Nesse sentido, a falta de validação nos conduz para baixa autoestima e baixa autoconfiança.

Quando a paciente age dando o abraço sem entrar na sua lógica afetiva de conduta, que está preocupada em fazer o que é certo, percebendo-se sensibilizada pela emoção de sua psicoterapeuta, podemos inferir que sua lógica afetiva de conduta foi refeita ou que ela registrou uma nova lógica de conduta: o que eu faço é bom, fiz algo adequado, não preciso pensar tanto, posso confiar no que percebo. Contudo, para além de seus esforços, ela segue a vida tendo dificuldades, problemas e angústias com os quais lidar.

O que buscamos apresentar a partir deste estudo de caso são os efeitos que o compartilhamento em sessão proporcionou à paciente quando ela se permitiu, em um ambiente protegido, dar uma resposta diferente da usual e quando continuou experimentando novas possibilidades de respostas em outros dos seus papéis.

Lançando um olhar mais amplo para o momento histórico e social contemporâneo, que ainda é patriarcal, neoliberal e machista, e do qual as mulheres fazem parte, precisamos considerar G inserida nesse cenário. As conservas culturais dessa sociedade estão claras no “general” de G e em seu sofrimento psíquico com as culpas, os medos de desagradar, a ansiedade e, por isso, não ser amada.

Podemos inferir a saída da casa dos pais de G como símbolo de um movimento de maturidade e autonomia que são características do *cluster* dois, assim como um conteúdo coinconsciente de duas mulheres que encaram as conservas dessa sociedade e que seguem em busca das descobertas de si e do que desejam ser. Esse compartilhamento foi também empático, quando observamos tanto as dificuldades como as conquistas alcançadas com “o alto preço de viver longe de casa”.

Deparar-se, no ambiente protegido da sessão, com a dor daquela que ocupa o lugar do cuidado e saber que pode vê-la em seu aspecto mais humano, ou seja, como alguém que também sofre, chora e está longe de casa, permitiu que G também acolhesse essa dor, esse sofrimento. Um breve momento em que a relação se tornou simétrica e tirou a paciente do lugar de autocobrança para o de que de fato sentia, possibilitando-lhe se ver frágil e acolher tal fragilidade como algo que não era exclusividade sua, que estava na sua psicoterapeuta também.

Cuidar de si, respeitar-se, acolher-se. Aplicar isso em momentos da vida além da porta do consultório com outras pessoas de sua rede sociométrica e entender que não precisa dar conta de tudo, que pode pedir e receber ajuda, que há troca, que as relações podem ser próximas, respeitadas e igualitárias, que cada um pode dar conta do que é seu dentro do vínculo e não que um precise ser quem responde e resolve tudo por todos, que não precisa carregar o peso do mundo nas costas.

Ela permanece em atendimento psicológico semanal. Às vezes verbaliza a importância e os efeitos do processo psicoterapêutico e de outros compartilhamentos que sigo fazendo eventualmente. Como nesta passagem: “Está sendo muito bom dividir isso tudo com você porque você me mostra que tem outros jeitos possíveis. Eu me identifico com você em várias coisas, eu gosto de estudar mas sem a pressão de uma cobrança. Ver o teu jeito, a tua filosofia de vida tem me ajudado muito. Depois que voltaram as sessões [referência a um recesso de final de ano] eu quis começar a escrever no meu caderno. Parece que eu precisava saber que tenho aqui para poder escrever e fazer contato com as minhas coisas, sobre o que me causa dor (*sic*)” (G, estudante, 2019)

Com efeito, pessoas se vinculam com pessoas. A relação psicoterapêutica não é diferente. À medida que o vínculo vai se estabelecendo, a confiança se torna mais sólida e desse modo mais demandas vão sendo trazidas. Aumenta também o fluxo de troca de conteúdos coconscientes e coinconscientes e isso permite que o uso de técnicas psicodramáticas ocorra sem tantas resistências visto que há um espaço coconstruído nessa relação com sintonia, empatia e respeito.



Em certo momento, ela disse: “Não sei se quero apenas o meio acadêmico. Tenho cogitado atender na clínica. Você tem me mostrado que a clínica pode ser tão diferente do que eu achava” (*sic*) (G, estudante, 2019). Essa fala remete a uma reflexão de como há compartilhamento a todo momento em uma sessão de Psicodrama em grupo e que tal fenômeno também pode ser observado em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal.

Os psicoterapeutas se emprestam como modelo e inspiração sem que isso seja posto de forma deliberada, sem que o psicoterapeuta consiga ter alcance e clareza de quando e como acontece. São em devolutivas como a declarada por G que conseguimos identificar o que aconteceu.

O Psicodrama, pois, supõe compartilhar.

Compartilhar supõe um movimento interpenetrante entre seres humanos que se configura como o fluir possível, em cada momento, de um conjunto de sensações, emoções e sentimentos, nomeados ou não, gravados de alguma forma corporalmente, claramente visíveis ou não, simbolizados pela palavra ou pela expressão gestual ou não, decodificados pela percepção distorcida ou não pela transferência, resultado de uma simultaneidade de construção co-criativa [*sic*], co-consciente [*sic*] e co-inconsciente [*sic*]. (Perazzo, 1999, p. 126)

Tanto as palavras da paciente quanto as de Perazzo (1999) evidenciam que, quando desempenhamos nosso papel de psicoterapeutas, nós também estamos desempenhando outros papéis: de estudante (aprofundamento teórico), de supervisor(a) (aprofundamento técnico do olhar psicodramático) e de paciente (nossa própria psicoterapia). Do mesmo modo, validam a dimensão do humano na qual todos estamos inevitavelmente imersos que, por sua vez, dá condição à simetria na relação com o paciente. Somos seres humanos.

Ressaltamos, contudo, que na mesma medida que o papel de psicodramatista contempla a empatia e o cuidado, também contempla o distanciamento necessário para as intervenções sem que se misture com o paciente e gere a perda do protagonismo deste dentro da sessão.

Sentimentos, sensações e emoções são do âmbito universal do humano. Como psicodramatista diante de um grupo ou no individual bipessoal, todo esse conteúdo é acessado e mobilizado pelo drama protagônico. Logo, o compartilhamento do psicodramatista também pode ser entendido como uma manifestação de sua sensibilidade e humanidade no contrapapel do protagonista.

Sob essa perspectiva, o compartilhamento do psicodramatista atua como mais uma ferramenta de intervenção na sessão que precisa estar direcionada para o paciente protagonista da sessão.

Por fim, recorremos a Gottlieb (2020), que nos lembrou de que ao nos tornarmos psicodramatistas não deixamos de integrar um grupo maior que é o grupo dos humanos, para afirmar que é justamente a nossa humanidade que nos permite desempenhar esse papel:

Obviamente, os terapeutas lidam com os desafios diários existenciais, como qualquer pessoa. Essa familiaridade, de fato, está na raiz da conexão forjada por nós com estranhos que nos confiam suas mais delicadas histórias e segredos. Nossa formação nos ensinou teorias, ferramentas e técnicas, mas pulsando sob nossa competência adquirida a duras penas está o fato de sabermos o quanto é difícil ser um indivíduo. O que equivale a dizer: continuamos indo trabalhar diariamente sendo nós mesmos, com nosso próprio conjunto de vulnerabilidades, nossos próprios anseios e inseguranças, bem como nossas próprias histórias. De todas as minhas credenciais como terapeuta, a mais significativa é ser membro de carteirinha da raça humana. (p. 17)

Com efeito, precisamos estar sempre atentos a nossa própria humanidade, sensibilidade e fragilidade para que, ao receber o paciente, consigamos manter a distância que permite a intervenção e não a distância que impede o vínculo. Afinal, exercemos uma profissão do cuidado, uma profissão do afeto, em que se toca o outro mas também se é tocado por ele.

## 7 CONCLUSÃO

Este estudo analisou a etapa de compartilhamento da sessão de Psicodrama no âmbito específico da modalidade individual bipessoal com o objetivo de verificar quais são os efeitos do compartilhamento do psicodramatista para o paciente tendo em vista os critérios: para quê, como e quando pode trazer benefícios para o paciente. Esses critérios dizem respeito à finalidade do compartilhamento, se está sendo feito para contribuir com o paciente ou para atender uma necessidade de fala do psicodramatista.

Nesse contexto, tanto a entrevista realizada com os psicodramatistas quanto o estudo de caso evidenciaram que, em resposta ao critério “para quê”, quando o foco é a necessidade do paciente, o compartilhamento apresenta efeitos favoráveis.

Em relação aos critérios “como e quando”, ao realizar o compartilhamento em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, a fim de que não gere confusão de papéis, observamos que se for breve, pontual e focalizado no paciente, e tendo sido explicitado que o psicodramatista atuará como plateia, os papéis seguem distintos e sem o risco de serem confundidos. Com o estudo de caso, notamos que a paciente recebeu o compartilhamento como alternativa a não se sentir solitária e exclusiva no seu papel de sofredora, tendo na figura da psicodramatista alguém com que dividir simetricamente esse lugar de quem passa pela experiência humana de sofrer.

Com efeito, a paciente exibiu uma resposta espontânea e adequada diante da expressão de emoção de sua psicodramatista, que deixou o lugar assimétrico da relação terapeuta-paciente, expondo suas fragilidades e sua própria história de vida, para um lugar simétrico.

No que diz respeito à relevância deste estudo, e levando em consideração o compartilhamento ser uma das etapas da abordagem psicodramática e uma reconhecida dinâmica do *cluster* três, a exígua produção científica desse tema verificada nos portais científicos nacionais torna mister a realização de novas pesquisas a seu respeito.

Em tempo, constatamos também que a falta da própria psicoterapia aliada à ausência de supervisão e aprofundamento teórico interfere na decisão do psicodramatista de realizar um compartilhamento em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal, aumentando a probabilidade de ocorrer um compartilhamento inadequado e a serviço do psicodramatista, e não do paciente.

**REFERÊNCIAS**

- Aguiar, M. (1988). *Teatro da anarquia: Um resgate do Psicodrama*. Campinas, SP: Papyrus.
- Amato, M. A. P. (2002). *A poética do Psicodrama: O grupo autodirigido e a dinâmica da cena*. São Paulo, SP: Aleph.
- Bauman, Z. (2007). *Tempos líquidos*. Trans. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Bernardes, M. P. (2017). *Metodologia Científica e Psicodrama: Porque escrever pode ser prazeroso*. Florianópolis, SC: Tribo da Ilha.
- Bustos, D. (1979). *Psicoterapia psicodramática: Ação + palavra*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Bustos, D. (1990). *Perigo... amor à vista! Drama e Psicodrama de casais*. São Paulo, SP: Aleph.
- Bustos, D. (1999). *Novas cenas para o Psicodrama*. São Paulo, SP: Ágora.
- Bustos, D. (2005). *O Psicodrama: Aplicações da técnica psicodramática*. São Paulo, SP: Ágora.
- Calvente, C. F. (2002). *O personagem na psicoterapia: Articulações psicodramáticas*. São Paulo, SP: Ágora.
- Contro, Luiz. (2009). Veredas da pesquisa psicodramática entre a pesquisa-ação crítica e a pesquisa-intervenção. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 17(2), 13-24.
- Cukier, R. (1992). *Psicodrama Bipessoal: Sua técnica, seu terapeuta e seu paciente*. SP: Ágora.
- Cukier, R. (2002). *Palavras de Jacob Levy Moreno: Vocabulário de citações do Psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria*. São Paulo, SP: Ágora.
- Debord, Guy. (2002). *A sociedade do espetáculo* (3a reimp.). Rio de Janeiro, RJ: Contraponto.
- Dunker, C. (2019). *O palhaço e o psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas*. São Paulo, SP: Planeta Brasil.
- Duric, Z. (2005). *Psicodrama em HQ: Iniciação à teoria e à técnica*. São Paulo, SP: Daimon.
- Fox, J. (2002). *O essencial de Moreno: Textos sobre Psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. São Paulo, SP: Ágora.
- Gottlieb, L. (2020). *Talvez você deva conversar com alguém*. São Paulo, SP: Ágora.
- Gonçalves, C. S. (1988). *Lições de Psicodrama*. São Paulo, SP: Ágora.

- Han, B-C. (2018). *Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte, MG: Editora Ayiné.
- Herranz, T. (2000). *Integrações: Psicoterapia psicodramática individual e bipessoal*. São Paulo, SP: Ágora.
- Holmes, P., & Karp, M. (Orgs.). (1992). *Psicodrama: Inspiração e técnica*. São Paulo, SP: Ágora.
- Holmes, P., Karp, M., & Watson, M. (Orgs.). (1998). *O Psicodrama após Moreno: Inovações na teoria e na prática*. São Paulo, SP: Ágora.
- Knobel, A. M. (2016). Coinsciente para além do tempo e do espaço. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 24(1), 16-23.
- Manus, R. (2015, junho). O alto preço de viver longe de casa. *O Estadão*, Coluna Comportamento. <https://emails.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/o-alto-preco-de-viver-longo-de-casa/>
- Melo, A. S. E. de, Maia Filho, O. N., & Chaves, H. V. (2016). Lewin e a pesquisa-ação: gênese, aplicação e finalidade. *Fractal, Revista de Psicologia*, 28(1), 153-159.
- Merengué, Devanir (2001). *Inventário de afetos: Inquietações, teorias, psicodramas*. São Paulo, SP: Ágora.
- Moreno, J. L. (1961, september-december). Interpersonal therapy and co-unconscious states, a progress report in psychodramatic theory. *Group Psychotherapy*, 14(3-4), 234-241. <https://bit.ly/3x0I7JQ>
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Moreno, J. L. (1992). *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de Grupo e Sociodrama* (Vol. 1-3). Goiânia, GO: Dimensão Editora.
- Naffah Neto, A. (1989). *Paixões e questões de um terapeuta*. São Paulo, SP: Ágora.
- Nery, M. da P. (2010). *Grupos e intervenção em conflitos*. São Paulo, SP: Ágora.
- Nery, M. da P. (2014). *Vínculo e afetividade: caminho das relações humanas*. São Paulo, SP: Ágora.
- Pamplona, V. (2007). Finis corona opu: a terceira etapa. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 15(1), 200-207.
- Perazzo, S. (1999). *Fragmentos de um olhar psicodramático*. São Paulo, SP: Ágora.
- Perazzo, S. (2010). *Psicodrama: O forro e o avesso*. São Paulo, SP: Ágora.
- Rojas-Bermúdez, J. (1992). El objeto intermediario e intraintermediario. *Revista de Psicodrama, terapia familiar*, (4), 43-65.

Rojas-Bermúdez, J. (1997). *Teoría y técnica psicodramáticas*. Barcelona: Paidós.

Souza, J. (2019). *A elite do atraso, da escravidão à Bolsonaro*. São Paulo, SP: Estação Brasil.

Wechsler, M. P. F. (1997, novembro). *A pesquisa em Psicodrama*. Texto apresentado no Encontro de Professores e Supervisores. São Paulo, SP: Instituto Sedes Sapiential.

**APÊNDICE A — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada e/ou em participar da pesquisa de campo intitulada “O Compartilhamento do Psicodramatista na Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal: simetria e humanidade” desenvolvida por Nadia Paula Ropelato – CRP 12/05336. Fui informada de que a pesquisa é orientada por Maria da Penha Nery, a quem poderei consultar a qualquer momento que julgar necessário por meio do e-mail mpnery@gmail.com. Afirmo que aceitei participar deste estudo por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informada do objetivo estritamente acadêmico do estudo que, em linhas gerais, é analisar quais são os efeitos do compartilhamento do psicodramatista para o paciente em uma sessão de Psicoterapia Psicodramática Individual Bipessoal. Também fui esclarecida de que as informações por mim oferecidas, bem como seu uso, estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração será feita de forma anônima, por meio de análise do meu prontuário. O acesso aos dados coletados e sua análise serão feitos apenas pela pesquisadora e/ou sua orientadora.

Fui ainda informada de que posso me retirar desse estudo/pesquisa/programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento e sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto o recebimento de uma cópia assinada deste “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

São José, 16 de fevereiro de 22

Assinatura da participante: Cybele De Rozzi

Assinatura da pesquisadora: Ropelato

## ANEXO A — O ALTO PREÇO DE VIVER LONGE DE CASA, POR RUTH MANUS

Voar: a eterna inveja e frustração que o homem carrega no peito a cada vez que vê um pássaro no céu. Aprendemos a fazer um milhão de coisas, mas voar... Voar a vida não deixou. Talvez por saber que nós, humanos, aprendemos a pertencer demais aos lugares e às pessoas. E que, neste caso, poder voar nos causaria crises difíceis de suportar, entre a tentação de ir e a necessidade de ficar.

Muito bem. Aí o homem foi lá e criou a roda. A Kombi. O patinete. A Harley. O Boeing 737. E a gente descobriu que, mesmo sem asas, poderia voar. Mas a grande complicação foi quando a gente percebeu que poderia ir sem data para voltar.

E assim começaram a surgir os corajosos que deixaram suas cidades de fome e miséria para tentar alimentar a família nas capitais, cheias de oportunidades e monstros. Os corajosos que deixaram o aconchego do lar para estudar e sonhar com o futuro incrível e hipotético que os espera. Os corajosos que deixaram cidades amadas para viver oportunidades que não aparecem duas vezes. Os corajosos que deixaram, enfim, a vida que tinham nas mãos, para voar para vidas que decidiram encarar de peito aberto.

A vida de quem inventa de voar é paradoxal, todo dia. É o peito eternamente dividido. É chorar porque queria estar lá, sem deixar de querer estar aqui. É ver o céu e o inferno na partida, o pesadelo e o sonho na permanência. É se orgulhar da escolha que te ofereceu mil tesouros e se odiar pela mesma escolha que te subtraiu outras mil pedras preciosas.

E começamos a viver um roteiro clássico: deitar na cama, pensar no antigo-eterno lar, nos quilômetros de distância, pensar nas pessoas amadas, no que eles estão fazendo sem você, nos risos que você não riu, nos perrengues que você não estava lá para ajudar. É tentar, sem sucesso, conter um chorinho de canto e suspirar sabendo que é o único responsável pela própria escolha. No dia seguinte, ao acordar, já está tudo bem, a vida escolhida volta a fazer sentido. Mas você sabe que outras noites dessas virão.

Mas será que a gente aprende? A ficar doente sem colo, a sentir o cheiro da comida com os olhos, a transformar apartamentos vazios na nossa casa, transformar colegas em amigos, dores em resistência, saudades cortantes em faltas corriqueiras?

Será que a gente aprende? A ser filho de longe, a amar via Skype, a ver crianças crescerem por vídeos, a fingir que a mesa do bar pode ser substituída pelo grupo do whatsapp, a ser amigo através de caracteres e não de abraços, a rir alto com HAHAHHA, a engolir o choro e tocar em frente?



Será que a vida será sempre esta sina, em qualquer dos lados em que a gente esteja? Será que estaremos aqui nos perguntando se deveríamos estar lá e vice versa? Será teste, será opção, será coragem ou será carma?

Será que um dia saberemos, afinal, se estamos no lugar certo? Será que há, enfim, algum lugar certo para viver essa vida que é um turbilhão de incertezas que a gente insiste em fingir que acredita controlar?

Eu sei que não é fácil. E que admiro quem encarou e encara tudo isso, todo dia.

Quem deixou Vitória da Conquista, São José do Rio Preto, Floripa, Juiz de Fora, Recife, Sorocaba, Cuiabá ou Paris para construir uma vida em São Paulo. Quem deixou São Paulo pra ir para o Rio, para Brasília, Dublin, Nova York, Aix-en-provence, Brisbane, Lisboa. Quem deixou a Bolívia, a Colômbia ou o Haiti para tentar viver no Brasil. Quem trocou Portugal pela Itália, a Itália pela França, a França pelos Emirados. Quem deixou o Senegal ou o Marrocos para tentar ser feliz na França. Quem deixou Angola, Moçambique ou Cabo Verde para viver em Portugal. Para quem tenta, para quem peita, para quem vai.

O preço é alto. A gente se questiona, a gente se culpa, a gente se angustia. Mas o destino, a vida e o peito às vezes pedem que a gente embarque. Alguns não vão. Mas nós, que fomos, viemos e iremos, não estamos livres do medo e de tantas fraquezas. Mas estamos para sempre livres do medo de nunca termos tentado.